

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



DANIEL RIBEIRO PATRIARCA

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
REALIZADO NA ESCOLA EB 2,3/S DA GUIA JUNTO DA TURMA 8ºD

COIMBRA

2013

DANIEL RIBEIRO PATRIARCA
(Nº 2011116227)

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
REALIZADO NA ESCOLA EB 2,3/S DA GUIA JUNTO DA TURMA 8ºD

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Doutor Alain Massart

Coimbra
2013

Esta obra deve ser citada como:

Patriarca, D. (2013). *Relatório de Estágio*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.

**A todos os que me prestaram apoio
nesta etapa de formação da minha vida.**

AGRADECIMENTOS

Todo o processo de estágio, assim como a elaboração deste relatório, só foi concretizável devido à compreensão e disponibilidade de várias pessoas.

Agradeço a todos os Professores do Grupo de Educação Física da Escola EB 2,3/S da Guia, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu chegasse ao cume desta montanha.

Em particular agradeço ao Professor Carlos Aveiro que me abraçou para orientar em todo este estágio pedagógico sem medir esforços.

Ao Orientador da Faculdade, Doutor Alain Massart que me acompanhou e orientou neste processo de formação.

A todos os amigos e colegas que, direta ou indiretamente, foram peças fundamentais para o enriquecimento pessoal e profissional durante esta jornada.

Aos colegas de estágio pela obstinação nesta longa caminhada.

E, por fim, à minha esposa que me apoiou e deu força durante longos períodos de trabalhos, conversas e discussões, o que me levou a encontrar a motivação e a força necessárias para continuar e alcançar o objetivo desejado.

**“O professor só pode ensinar
quando está disposto a aprender.”
(*Janoi Mamedes*)**

RESUMO

O presente relatório pretende expor o trabalho efetuado ao longo do estágio pedagógico, que se desenvolveu na Escola EB 2,3/S da Guia no ano letivo de 2012/2013. O Núcleo de Estágio foi constituído por 4 alunos, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, tendo um orientador pedagógico e um supervisor da Faculdade que acompanharam todo o trabalho realizado ao longo do ano letivo, potenciando o nosso desenvolvimento contínuo e integral.

Este relatório final é o culminar de um trabalho realizado junto de uma turma do 8º ano, consequência da intervenção pedagógica e reflexão crítica do meu desempenho enquanto docente. Serão abordadas todas as componentes pedagógicas, passando pelo planeamento, realização e avaliação. Todas as tarefas contribuíram para a minha formação como futuro docente, e o conjunto de competências que adquiri ao longo do estágio serão uma mais-valia para futuramente poder realizar um trabalho mais competente e profissional.

Neste relatório também irei fazer uma autocrítica ao meu trabalho, visto considerar que esta consciência do que podemos melhorar é essencial para podermos evoluir enquanto docentes. Para enriquecer este trabalho, procurei aprofundar o meu conhecimento numa matéria pouco abordada na formação inicial de professores. Pretendi adquirir conhecimentos e experiência no planeamento e intervenção pedagógica com alunos que apresentam Necessidades Educativas Especiais de forma a contribuir para a sua inclusão em turmas de ensino regular.

Concluí que, apesar de ser uma matéria crítica que implica uma formação especializada, o trabalho desenvolvido, através de esforço e cooperação entre diferentes professores especializados, é de extrema importância porque permite aos alunos um desenvolvimento significativo nos diferentes domínios de aprendizagem, tornando-os mais autónomos possibilitando-lhes uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chaves: Planeamento. Reflexão. Necessidades Educativas Especiais. Inclusão.

ABSTRACT

This report aims at presenting the work done throughout the teaching practice, which I developed in the Primary school 2,3 / S Guia in academic year 2012/2013. The Group of Trainee Students consisted of 4 students of the Master Degree in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Schools, having a traineeship supervisor and a university supervisor that accompanied all the work done throughout the school year, enhancing our continuous development.

This final report is the culmination of the work developed with a group of 8th grade, a consequence of pedagogical intervention and a critical reflection of my performance as a teacher. I will approach all educational components, as well as planning, implementation and evaluation. All the tasks that I accomplished contributed to my training as a future teacher, and the set of skills that I have acquired over the stage will be an important asset for the future, because they will enable me to perform my job in a more competent and professional way.

In this report I will also make a self-criticism of my work, since I consider that this awareness is essential to improve our work as teachers.

In order to enrich this work, I sought to deepen my knowledge on a subject that is rarely mentioned in initial teacher's training. I intended to gain knowledge and experience in pedagogical planning and pedagogically intervene with students who have special educational needs in order to promote their inclusion in mainstream classes.

I concluded that, despite being a critical subject that requires specialized training, the work that is developed, through effort and cooperation between the different specialist teachers, is extremely important for students because it allows students to enlarge different learning areas, making them more autonomous and enabling them to have a better quality of life.

Keywords: Planning. Reflection. Special Educational Needs. Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA.....	14
1.1. Definição das Expetativas Iniciais - (Programa de formação individual).....	14
1.2. Caraterização do Contexto.....	17
1.2.1. Realidade Escolar.....	17
1.2.2. O Grupo de Educação Física.....	18
1.2.3. O Núcleo de Estágio.....	19
1.2.4. Os Professores Orientadores.....	20
1.2.5. Os Alunos.....	20
1.3. Atividades Desenvolvidas.....	22
1.3.1. Planeamento.....	22
1.3.2. Realização.....	24
1.3.3. Justificação das Opções Tomadas.....	26
2. ANÁLISE REFLEXIVA.....	29
2.1. Aprendizagens e Conhecimentos Adquiridos.....	29
2.1.1. Planeamento.....	30
2.1.2. Realização.....	32
2.1.3. Avaliação.....	39
2.2 Dificuldades e Necessidades de Formação.....	43
2.2.1 Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução.....	44
2.3. Ética Profissional.....	47
2.4. Questões Dilemáticas.....	48
2.5. Conclusões.....	50
3. APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA.....	52
3.1. Tema.....	52
3.2. Contextualização e Pertinência do Tema.....	52
3.3. Metodologia.....	53
3.4. Funções e Objetivos do Núcleo de Ensino Especial.....	54
3.5. Caraterização da População Alvo.....	55
3.6. Revisão da Literatura.....	56
3.6.1 Necessidades Educativas Especiais.....	56

3.6.2. Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Educação Física.....	58
3.7. Planeamento da Intervenção Pedagógica.....	59
3.7.1 Recursos Materiais Utilizados	61
3.7.2 Limitações ao Trabalho Desenvolvido	61
3.8. Conclusões Gerais Núcleo de Estágio/Ensino Especial	62
BIBLIOGRAFIA.....	65

DECLARAÇÃO SOB COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Daniel Ribeiro Patriarca, Nº 2011116227 do MEEFEEBS da FCDEFFUC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, do definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

INTRODUÇÃO

O presente relatório final está inserido no âmbito do segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, que se efetuou na Escola EB 2,3/S da Guia, do Agrupamento de Escolas da Guia.

“O estágio pode ser definido como uma experiência de formação estruturada com um marco fundamental na formação dos alunos para a entrada no mundo profissional” (Caires & Almeida, 2000).

Este é o momento esperado para qualquer aluno, em que os conhecimentos teórico-práticos, adquiridos ao longo do tempo de formação são colocados em prática e onde são tomadas as decisões necessárias para desempenhar as funções de professor.

Esta integração na vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, permite o desenvolvimento das competências profissionais, associadas a um ensino da Educação Física de qualidade, organizado nas diferentes áreas de desempenho.

Desta forma, irei dividir este trabalho em três pontos principais. O primeiro ponto fará referência à contextualização da prática, onde elaborei uma breve caracterização do contexto escolar, definindo as minhas expectativas iniciais e justificações pelas opções tomadas, uma descrição de todo o trabalho realizado nos diferentes níveis, de planeamento, realização e avaliação.

O segundo ponto deste relatório será uma análise reflexiva das aprendizagens realizadas, os conhecimentos adquiridos, as dificuldades sentidas e as estratégias utilizadas para ultrapassá-las. Ainda neste ponto farei referência à ética profissional, às questões dilemáticas e, no final, a conclusões.

O terceiro ponto do trabalho será referente ao desenvolvimento do tema problema. No meu caso será abordado o tema das Necessidades Educativas Especiais e o da importância da Educação Física na inclusão de alunos em turmas regulares.

Este terá a finalidade de aprofundar uma realidade cada vez mais observada nas escolas, para a qual muitas vezes não estamos preparados.

O tema foi escolhido, não só por ter na turma um aluno com Necessidades Educativas Especiais mas essencialmente, para aprofundar os meus conhecimentos nesta área.

Este trabalho será uma mais-valia, em termos pessoais, para a minha formação e um instrumento de trabalho que me vai possibilitar enfrentar numerosas situações ao longo da minha vida profissional de uma forma mais segura e estar mais consciente das dificuldades sentidas pelos professores e alunos nas aulas de Educação Física.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA

“As escolas, fazendo que os homens se tornem verdadeiros humanos são sem dúvida as oficinas da Humanidade”.

Comenius

1.1. Definição das Expetativas Iniciais - (Programa de Formação Individual)

Desde sempre que a atividade física fez parte da minha vida, pratiquei diversos desportos, individuais e coletivos, onde aprendi a ganhar e a perder, a lutar para atingir os objetivos e a ultrapassar os obstáculos que me foram surgindo neste percurso.

Foi com este pensamento que iniciei mais uma etapa da minha vida, onde sabia que ia ganhar muito e perder algumas vezes, onde teria de ultrapassar obstáculos, que à primeira vista me pareciam intransponíveis mas que foram ultrapassados com mais ou menos esforço.

Todas estas experiências e sentimentos enriqueceram-me muito, a todos os níveis, tendo um reflexo significativo na pessoa que sou hoje.

Apesar de saber as dificuldades que me iriam esperar para conseguir conciliar o trabalho com este estágio pedagógico, após uma conversa com o Professor Orientador Carlos Aveiro, decidi continuar em frente, aproveitando a experiência adquirida durante estes anos que me fizeram crescer a nível pessoal e profissional.

Considero este estágio pedagógico como um marco fundamental na minha formação. Fui constantemente colocado em confrontação com a verdadeira realidade do ensino, em que os imprevistos surgem a todo o minuto, onde se espera que tenhamos as soluções mais adequadas em todos os momentos. Mas se nunca dermos este passo nunca saberemos o que é ser Professor de Educação Física.

Inicialmente, fui invadido por alguma ansiedade e apreensão, resultante da responsabilidade de ser Professor na sua globalidade, o que não se limita às aulas.

Ser Professor passa pelo contato social e profissional com os alunos, com os colegas docentes, com os funcionários, com os encarregados de educação, assim como lidar com todas as situações burocráticas inerentes a esta atividade.

Como Professor estagiário observei que o ensino que se vive hoje e, devido às regras do Ministério da Educação, a área disciplinar de Educação Física é vista cada vez mais pela sociedade como uma área dispensável.

Pretendi dar o meu contributo para que esta imagem instituída se vá diluindo, realçando os benefícios e virtudes desta disciplina, uma vez que esta dá aos alunos ferramentas essenciais para se tornarem cada vez mais autónomos, autoconfiantes e contribui para uma vida mais saudável.

Nesse sentido levei para as aulas todo o meu entusiasmo e energia, de forma a responder a todos os desejos colocados pelos alunos, fazendo com que estes ganhassem mais gosto pela atividade física e combatendo o sedentarismo que, nos últimos anos, tem aumentado entre os jovens.

Passados todos estes meses, olho para este estágio como uma etapa muito gratificante e enriquecedora a vários níveis: a nível profissional pois adquiri conhecimentos, práticas e competências que possibilitam desempenhar o papel de docente de uma forma mais organizada, gerindo mais eficazmente todo o processo de ensino-aprendizagem; a nível emocional, uma vez que me tornei mais seguro, e consegui fazer desvanecer a ansiedade e insegurança iniciais; a nível pessoal e relacional porque me possibilitou conhecer e trabalhar com pessoas com experiências de vida muito diversificadas e ricas.

A minha expectativa em relação ao grupo do núcleo de estágio era de total novidade, não conhecia nenhum colega com quem iria trabalhar e para mim era essencial que houvesse, dentro do grupo, interesses e motivações fortes comuns a todos, para que pudesse existir uma partilha de conhecimentos de forma a complementarmos-nos uns aos outros.

O que se verificou foi que, apesar de existirem grandes diferenças entre todos os elementos do grupo pela maneira de estar, interesses e motivações, o grupo trabalhou muito bem em conjunto complementando-se. Tirámos, assim, partido desta diversidade de conhecimentos e experiências de vida.

Em relação ao Professor Orientador da Escola, não o conhecia e não tinha qualquer expectativa, mas desde o primeiro minuto percebi que estava lá para

me ajudar, aconselhar e orientar, dando-me total liberdade nas minhas decisões, partilhando comigo e com os restantes colegas momentos de reflexão, de lazer e de partilha de experiências enquanto professor mais experiente.

Aprendi muito com o Professor Orientador, assim como com os meus colegas de grupo.

As minhas expectativas em relação à turma que me iria ser atribuída eram elevadas. Para ser sincero estava com algum receio pelo facto de ter a noção de que existem turmas em que é extremamente difícil trabalhar, devido ao comportamento e atitudes que alguns alunos demonstram nas aulas. No entanto, a turma que me foi atribuída, foi sem dúvida, uma turma maravilhosa. A nível de comportamento era muito disciplinada, sendo que me apercebi que existia uma grande união entre todos e por isso trabalhavam com muito respeito e fair-play nos desportos coletivos e individuais.

Apesar de ser uma turma trabalhadora, requereu um grande empenho da minha parte, de forma a mantê-los motivados e empenhados durante toda a aula.

As estratégias escolhidas foram um fator importantíssimo para o sucesso ou insucesso das aulas. Houve ainda a necessidade de fazer constantes ajustamentos de forma a manter os alunos nos níveis mais altos de motivação durante toda a aula. O meu objetivo foi sempre no sentido de potenciar as suas aprendizagens e a sua formação socio/afetiva. Neste momento estou bastante satisfeito com os resultados, por verificar que os alunos apresentam claras melhorias a nível motor e consolidaram, ainda mais, os laços afetivos.

Durante o ano letivo, sempre estive ciente que iria cometer inúmeros erros, tendo consciência de que a experiência é um fator muito importante para poder rapidamente detetar problemas e corrigi-los.

Pretendia adquirir competências de forma a poder ser um professor autónomo e competente na função, para continuar a aprender e a evoluir nesta profissão em que a aprendizagem e a formação devem ser uma constante, no sentido de tornar o ensino cada vez melhor.

Para além das aulas, também pretendi adquirir conhecimentos das funções que um professor pode ter de desempenhar numa escola, assim como competências ao nível da organização de atividades em contexto escolar e fora da escola.

1.2. Caraterização do Contexto

1.2.1. Realidade Escolar

A Escola E.B. 2,3/S da Guia é a escola sede do Agrupamento de Escolas da Guia e situa-se na Guia.

A Guia é uma das freguesias mais jovens do Concelho de Pombal, tendo sido em 1 de Julho de 2003 elevada à categoria de vila.

Dista cerca de 17 quilómetros da cidade de Pombal e ocupa uma área de 37,91 Km², a qual engloba parte da orla marítima do Concelho.

Verifica-se que o universo populacional da Guia atualmente, e já de acordo com a Junta de Freguesia, ascende a cerca de 4500 habitantes.

Relativamente às atividades económicas da freguesia, o sector primário segue, na sua esmagadora maioria, uma lógica de autossubsistência.

Por sua vez, o sector secundário detém, comparativamente, uma expressão económica de maior relevo. As indústrias de serração, carpintaria, confeção, mecânica e pintura, construção civil e restauração são as principais atividades industriais geradoras de emprego.

Relativamente ao sector terciário, embora não disponha de serviços públicos (com exceção de um posto da G.N.R. e Posto Médico), a população da vila da Guia usufrui de vários serviços privados, tais como agências bancárias, serviço multibanco e agência de seguros, uma corporação de bombeiros, entre outros.

A nível escolar, existe um jardim-de-infância com dois lugares na localidade de Guia e outro de um lugar no Grou; ACUREDE (IPSS), com creche, jardim-de-infância e tempos livres. A nível do 1º ciclo, existem três estabelecimentos de ensino.

Ao nível da Ação e Solidariedade Social, as estruturas presentes consistem num Lar de 3ª idade, além do Apoio Domiciliário, ministrado por um organismo não oficial, ligado à Igreja.

No plano desportivo, a freguesia encontra-se dotada com um pavilhão gimnodesportivo, pertencente à E.B.2,3 / S, campo de tiro e vários campos de jogos.

No plano de revitalização sócio – cultural e recreativa, os habitantes da Guia dispõem de serviço de biblioteca itinerante, salão de festas, escola de música e outras artes, que funcionam nas várias coletividades: Grupo Desportivo Guiense, ACUREDE, Filarmónica da Guia, Rancho Folclórico dos Antões, Clucapo, Arcude do Grou. Como principais polos de atração turística da Guia, destaca-se a Capela de N^a.S^a da Guia, a Igreja da Guia, os moinhos de Nasce Água, o parque da Fonte dos Amieiros, a Fonte das Cabecinhas, as festas e romarias, de cariz popular e religioso, e ainda a Feira de Atividades Económicas (FAGO), realizada sempre em Junho.

1.2.2. O Grupo de Educação Física

O meu primeiro contato com a escola ocorreu uma semana antes de iniciar o estágio pedagógico. Desloquei-me à escola, com o intuito de conhecer o local onde iria lecionar e contatar pela primeira vez com o Professor Orientador Carlos Aveiro, que se mostrou, desde logo, com total disponibilidade para me receber e apresentar ao grupo de Educação Física.

Encontrei um grupo muito simpático e divertido, constituído por seis professores, de idades e experiências muito diversificadas, uns com muitos anos a lecionar, outros com tempo de serviço muito reduzido.

Desde logo percebi que todos se mostraram disponíveis para cooperar e ajudar para que, em conjunto com os restantes elementos do núcleo de estágio, atingíssemos os nossos objetivos enquanto estagiários.

À medida que o tempo foi passando fui adquirindo mais confiança com todos os professores, relacionando-me mais no dia-a-dia, partilhando experiências e estratégias que foram muito uteis para o planeamento das minhas aulas.

O grupo mostrou-se muito empenhado na dinamização de atividades na escola, sendo que me integraram em todas elas, abrindo-me as portas para que pudesse dar o meu contributo, e melhorar se possível, atividades já organizadas em anos anteriores.

Nas atividades que dinamizamos, inseridas na disciplina de Projetos e Parcerias Educativas, os restantes professores do grupo apoiaram-nos quer na divulgação e incentivo junto das suas turmas, quer durante algumas atividades, ajudando sempre que solicitados.

De salientar que em momento algum senti desprezo por parte de algum elemento do grupo, nem de qualquer professor da escola, acabando este ano letivo com um bom relacionamento com todos os profissionais com quem tive o privilégio de conviver.

1.2.3. O Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio é constituído pelo Bruno Moreira, pelo João Lino, pelo Simão David, pelo Professor Carlos Aveiro e por mim.

Depois de nos conhecermos melhor, e para minha surpresa o Bruno Moreira também é Oficial do Exército, pude partilhar com ele não só experiências do estágio mas também da vida profissional, que por vezes nos fez fazer uma grande “ginástica” para conseguir cumprir todas as funções enquanto estagiários.

Ao longo deste tempo, a amizade foi crescendo através do convívio do dia-a-dia das aulas, dos momentos de trabalho em grupo e convívios ao almoço, juntamente com o Professor Orientador.

Estes momentos foram essenciais para nos conhecermos melhor e podermos refletir, em conjunto, as nossas prestações nas aulas, de forma a superarmos as nossas dificuldades, algumas comuns a todos.

Um grupo assim tão diferenciado, foi uma mais-valia para nós podermos aprender uns com os outros, através das observações das aulas e das críticas construtivas que fomos fazendo ao longo do tempo.

Mas não nos limitámos aos momentos de trabalho. Penso que é importante referir que também passamos bons momentos de diversão, brincando uns com os outros de forma a descomprimir depois de uma aula menos conseguida.

Houve ainda momentos de grande rizada, quando através de uma cumplicidade criada por todos, conseguíamos “pregar” partidas a algum dos elementos do grupo.

Todos estes momentos fazem-me recordar com alguma saudade este ano letivo fantástico, agora que estamos na reta final deste estágio pedagógico.

1.2.4. Os Professores Orientadores

Os Orientadores da Escola e da Faculdade foram elementos essenciais para que conseguisse ter sucesso neste estágio pedagógico.

As suas indicações, orientações e constantes críticas construtivas, que me transmitiram após as aulas que lecionei, foram para mim, extremamente importantes para conseguir atingir um nível que me deixa muito satisfeito.

Esta satisfação deve-se ao facto de verificar os bons resultados alcançados pelos alunos do 8ºD, e pelos elogios dos colegas de estágio pela boa prestação conseguida na maioria das aulas.

O Orientador da Faculdade, Doutor Alain Massart, pela sua maneira de olhar para a Educação Física, conseguiu transmitir-me uma forma muito particular de trabalhar que penso ter resultado muito bem na turma que lecionei, originando aulas muito dinâmicas e divertidas que fizeram com que os alunos tivessem um empenho motor muito elevado durante as aulas.

O Professor Carlos Aveiro, Orientador da Escola, foi para mim não só um orientador mas principalmente um conselheiro, que me levou a continuar esta caminhada até ao final e a conseguir ultrapassar dificuldades que sozinho não conseguiria.

1.2.5. Os Alunos

Para previamente conhecer os alunos da turma do 8ºD, recolhi alguma informação junto da Diretora de Turma, que se prontificou a colaborar comigo juntamente com algumas Professoras que já tinham lecionado nesta turma no ano anterior.

Esta informação foi-me muito útil para verificar o comportamento da turma na sala de aula, e a relação que existia entre os alunos, como funcionavam enquanto turma e quais as maiores preocupações que poderiam vir a surgir.

Para aprofundar um pouco mais a informação sobre cada aluno da turma, recorri a um questionário, onde pude efetuar uma caracterização da turma a diferentes níveis.

A turma é constituída por 16 alunos dos quais 9 são raparigas e 7 são rapazes.

Apesar de ser uma turma muito heterogénea, existem alguns hábitos que são comuns a quase todos.

A maioria dos alunos desloca-se para a escola de autocarro, dorme entre 8 e 9 horas por dia, todos os alunos tomam o pequeno-almoço em casa, fazendo 5 refeições diárias.

No que concerne a ocupação dos tempos livres, apenas cinco alunos fazem alguma atividade física como andar de bicicleta, os restantes dividem os seus tempos livres pelo computador e pela televisão.

Em relação à prática de atividade física fora da escola apenas três alunos praticam e só dois alunos estão inscritos no desporto escolar.

As notas à disciplina de educação física do ano passado foram: um 5, oito 4 e sete 3, não tendo havido nenhuma negativa.

A nível disciplinar, a turma é disciplinada, respeitam os professores e os colegas e têm um bom relacionamento entre eles, ajudando-se e preocupando-se com os seus pares.

Na turma existe um aluno com Necessidades Educativas Especiais, apresentando um défice cognitivo.

Para ficar a conhecer um pouco melhor este aluno recorri ao Relatório Circunstanciado (artigo 13º do Decreto – Lei nº 3/2008 de 07 de Janeiro) onde recolhi informações sobre os progressos alcançados, dificuldades que persistem, as avaliações das medidas educativas aplicadas, assim como as propostas de intervenção para este ano letivo.

No que concerne à disciplina de Educação Física, está inserido naturalmente na aula e no seio da turma.

O aluno usufrui de um Currículo Especifico Individual e Tecnologias de Apoio preconizadas no Programa Educativo Individual.

Ao nível da Educação Física, o aluno, no ano transato demonstrou um melhoramento a nível do relacionamento interpessoal, quer com os adultos quer com os seus pares, foi pontual e assíduo e adotou um grande sentido de responsabilidade, revelou um comportamento exemplar assim como motivação e empenho na realização das tarefas.

Foi com o intuito de aprofundar o meu conhecimento sobre a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais, em turmas de ensino regular, que escolhi o meu tema problema, preparando-me assim para futuras situações que possam exigir um maior conhecimento para trabalhar com estes alunos.

1.3. Atividades Desenvolvidas

1.3.1. Planeamento

O Planeamento pode ser entendido na generalidade como método de previsão, organização e orientação do processo de ensino-aprendizagem, é concebido como um instrumento didático-metodológico, no sentido de facilitar as decisões que o professor tem de tomar, para alcançar os objetivos a que se propõe (Sousa, 1991)

Planificar, *“significa planear as componentes do processo ensino aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização; significa aprender, o mais concretamente possível, as estruturas e linhas básicas e essenciais das tarefas e processos pedagógicos”* (Bento, 2003).

Consideremos então o planeamento como uma tomada de decisões, após uma análise de vários fatores e seleção de estratégias e meios, de forma a racionalizar as atividades do professor e dos alunos, em situação de ensino-aprendizagem possibilitando melhorar os resultados e conseqüentemente uma maior produtividade.

A forma como o professor pensa vai influenciar o planeamento e as decisões que são tomadas antes, durante e após as aulas.

Neste estágio pedagógico, o planeamento iniciou-se algum tempo antes de começar a lecionar, organizando de forma estruturada e coerente um planeamento que fosse ao encontro de cada momento de interação pedagógica.

Neste sentido, iniciei o meu planeamento seguindo esta sequência:

- Consulta dos documentos internos da escola (Regulamento interno, Projeto Educativo, Regulamento de Educação Física etc.);

- Análise do Programa Nacional de Educação Física do 3º Ciclo do Ensino Básico;
- Caracterização da Escola e do meio;
- Análise das decisões do Grupo de Educação Física da Escola;
- Discussão com o grupo de Educação Física sobre as matérias a serem abordadas nas turmas;
- Elaboração do documento de avaliação;
- Elaboração do plano anual;
- Planeamento e realização das avaliações diagnósticas;
- Elaboração das Unidades Didáticas, depois de concluída a avaliação diagnóstica;
- Elaboração dos planos de aula (ao longo do ano).
- Elaboração das reflexões críticas após as aulas

Em todas as tarefas de planeamento que realizei ao longo deste ano letivo, utilizei como base a adequação do processo de ensino-aprendizagem às características e especificidade da turma. Procurei definir objetivos, conteúdos, utilizar metodologias e estratégias de ensino adaptadas à realidade do contexto em que me encontrava.

“Alguns aspetos da atividade mental dos professores, tais como, a intuição, o idealismo e as relações afetivas, como elementos determinantes do seu trabalho” (Clarck & Peterson, 1986 citado em Januário, 1996).

“Um pensamento do tipo racional e lógico não é forçosamente, o meio mais adequado para resolver problemas de ensino” (Januário, 1996).

Esta capacidade de criar alternativas está associada à capacidade de prever e de representar vários cenários de ensino e de uma atitude de antecipação.

Seguindo os pensamentos de Januário, tentei não esgotar as minhas intervenções no planeamento efetuado previamente, dando uma importância fulcral à observação e proximidade aos alunos e utilizando a minha intuição e idealismo, rompendo muitas vezes com um pensamento racional e lógico para fazer ajustamentos ao planeamento de forma a contribuir para uma melhor performance dos alunos.

O estágio “é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino” (Piéron, 1996).

1.3.2. Realização

Realizei todo o meu planeamento a partir de uma análise atenta dos alunos, dos recursos da escola e de uma reflexão crítica das indicações programáticas, em comunicação com o Núcleo de Estágio e, primordialmente em perfeita sintonia com a orientação do grupo de Educação Física, mais concretamente com o Orientador Professor Carlos Aveiro.

Este trabalho em equipa tornou esta tarefa mais fácil de concretizar e com menos lacunas, que poderiam comprometer o meu trabalho.

Numa fase inicial e de acordo com o grupo de Educação Física, iniciei o cumprimento do protocolo de avaliação diagnóstica. Assim, efetuei nas nove primeiras aulas a avaliação diagnóstica, das modalidades que planeei abordar durante o ano letivo.

Esta avaliação diagnóstica, efetuada inicialmente, possibilitou-me uma base de trabalho para todo o planeamento das unidades didáticas, começando a definir os conteúdos a trabalhar e a forma como os abordar, decidindo métodos e estratégias que me pareceram mais adequadas e ajustadas aos alunos dos diferentes níveis.

Só através da avaliação das prestações dos alunos e fazendo uma análise dos resultados, pude tirar as conclusões e assim ajudar os alunos no sentido de os informar quais os conteúdos já apreendidos, a manter, e aqueles que devem melhorar.

A avaliação diagnóstica, permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos (Rosado e Colaço, 2002).

A avaliação diagnóstica pode ainda ter uma segunda intenção que é a de “colocar” o aluno num determinado nível ou tipo de aprendizagem ou até de prever, o seu percurso escolar. (Cortesão, 2002).

É então essencial sabermos qual o nível em que cada aluno se encontra de forma a fazer um planeamento adequado e diferenciado para os vários níveis,

não hipotecando as aprendizagens dos alunos por estas não estarem ao alcance ou desajustadas às suas capacidades.

Após a primeira etapa, como acabei de referir, veio a parte da iniciação das unidades didáticas das diferentes modalidades. Estas foram planeadas para serem abordadas por etapas, preferencialmente em todos os períodos, de forma a os alunos terem contato com a modalidade durante períodos diferenciados.

“As unidades didáticas são parte essencial do programa de uma disciplina constituindo unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico, apresentando aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino aprendizagem” (Bento, 2002).

Partindo desta definição, pretendia criar um instrumento de trabalho, resultante não só de uma análise ao Programa Nacional de Educação Física e das diversas condicionantes dos recursos espaciais, materiais e temporais como também da avaliação diagnóstica, construindo um documento mais adequado aos alunos.

Inicialmente, efetuei uma recolha de informação sobre a história da modalidade, regras, gestos técnicos, princípios e conteúdos técnico-táticos específicos. Após a recolha desta informação, juntamente com os resultados da avaliação diagnóstica procedi à definição dos objetivos terminais nos diferentes domínios para os diferentes níveis de aprendizagem verificados.

Posteriormente, passei para a fase da introdução, exercitação e consolidação das novas aprendizagens, terminando com uma avaliação sumativa no final de cada unidade didática.

Esta fase foi planeada através de um planeamento diário de forma a envolver os alunos, desafiando-os para um maior empenho motor e de aprendizagem.

A minha opção foi a de planear aulas politemáticas, conjugando modalidades que pudessem coabitar no mesmo espaço físico e que enriquecessem as aulas, de forma a dar aos alunos um leque mais alargado de conteúdos a trabalhar numa só aula, motivando-os através de aulas mais dinâmicas.

Estas decisões foram tomadas em articulação com o Orientador de Estágio e da Faculdade, que, após algumas reflexões em conjunto, colocaram à minha consideração trabalhar desta forma, dando-me total liberdade de escolha e apoiando-me nas minhas decisões.

Este planeamento diário foi efetuado através de um plano de aula, que serviu de orientação e apenas isso, já que este deve sofrer decisões de ajustamento caso seja necessário e tenhamos a coragem e iniciativa para o fazer. Estas situações de ajustamento das tarefas devem ir ao encontro das necessidades dos alunos no momento em que estão em atividade, procurando ajuda-los a promover as suas aprendizagens.

Neste plano de aula, estavam referidos os objetivos da aula, a função didática, as descrições das tarefas, os estilos de ensino, os critérios de êxito de cada tarefa e o tempo de atividade em cada tarefa.

1.3.3. Justificação das Opções Tomadas

Utilizando um modelo de planeamento por etapas e aulas politemáticas, uma das grandes preocupações foi agrupar as diferentes modalidades, relacionando-as com a rotação dos espaços de prática.

Esta preocupação, prendeu-se com o facto de nem todos os espaços de aula estarem preparados para lecionar algumas matérias mais específicas, ou mesmo agrupar modalidades que não sejam pertinentes serem lecionadas em conjunto, pela sua especificidade ou dificuldade de organização.

Um exemplo destas limitações é o caso do atletismo que devido à sua especificidade requer infraestruturas que só se encontram no espaço exterior. (caixa de areia, zona de lançamento de pesos, etc.)

Durante este processo de planeamento, recorri sempre ao aconselhamento do Professor Orientador, de maneira a conseguir conjugar da melhor forma todos os aspetos que referi anteriormente e assim planear de uma forma mais eficaz.

Esta forma de planear por etapas e com aulas politemáticas, levou-me inicialmente a estar um pouco receoso por se tratar de uma novidade para mim e porque requer um controlo mais delicado pela diversidade de atividades. Exige, ainda, um maior controlo dos espaços, que devem ser polivalentes e um maior trabalho de grupo na gestão de recursos e materiais desportivos.

Comecei por lecionar no exterior, levando-me a optar pelo futsal que, após as primeiras quatro aulas, juntei com o atletismo.

Esta opção de juntar as duas modalidades apenas à quarta aula, foi ponderada para conhecer melhor a turma e iniciar as aulas politemáticas de uma forma mais segura e controlada.

Tratando-se do período de Outono/Inverno, houve dias em que não pude realizar a aula no exterior devido à chuva, e assim tive de fazer alguns ajustamentos no planeamento por ter de partilhar o pavilhão com outras turmas, limitando-me a fazer a abordagem de alguns conteúdos do atletismo.

Em relação ao badminton, optei por lecionar inicialmente juntamente com a ginástica de solo e posteriormente com o voleibol, corfebol, e ginástica de aparelhos. Por se tratar de uma modalidade em que os alunos apresentaram uma boa autonomia, consegui inicialmente trabalhar com a ginástica de solo, o que me permitiu estar mais liberto para acompanhar a ginástica de solo onde os alunos apresentaram maiores dificuldades.

Quando fui avançando na unidade didática do badminton, e os alunos começaram a criar rotinas, optei por trabalhar juntamente com as outras modalidades.

A ginástica de aparelhos e o corfebol foram duas modalidades que optei por iniciar apenas no 2º Período por várias razões. A ginástica de Aparelhos, por o minitrampolim não se encontrar em condições de utilização e esperar que este fosse arranjado, para depois poder trabalhar já com todo o material disponível. O Corfebol, por ser uma modalidade totalmente desconhecida para mim, o que fez com que necessitasse de algum tempo para poder adquirir conhecimentos para lecionar de uma forma mais segura e correta.

No voleibol, optei por fazer constantes ajustamentos dentro dos grupos de trabalho. Uma das razões foi para poder trabalhar com grupos homogéneos e heterogéneos, a outra porque houve alunos que evoluíram mais rapidamente do que outros, passando para grupos de nível mais elevados.

Também ao nível dos conteúdos abordados, estes tiveram de ser ajustados principalmente nos grupos de nível de proficiência mais baixos, ajustando-os ao ritmo das aprendizagens dos alunos.

O mesmo aconteceu com a ginástica de aparelhos e a ginástica de solo, onde devido às dificuldades dos alunos na abordagem de alguns conteúdos efetuei algumas alterações à extensão e sequência de conteúdos que estava planeada.

Esta opção, passou por não introduzir alguns conteúdos na aula quando estava planeado fazê-lo, deixando mais tempo para exercitar e consolidar conteúdos de dificuldade mais baixa, dando-lhes bases para posteriormente trabalhar os de dificuldade mais elevada.

No Corfebol, apesar de ser uma modalidade nova tanto para mim como para os alunos, não tive necessidade de fazer grandes ajustamentos ao que estava planeado, abordando quase sempre os conteúdos técnico-tático em situação de jogo conseguindo criar boas dinâmicas de jogo e um grande empenho motor dos alunos.

Esta modalidade foi para mim uma surpresa muito agradável, por ver o entusiasmo e motivação dos alunos na abordagem do jogo, evoluindo de uma forma progressiva e visível aula após aula.

No final da unidade didática fiquei satisfeito pelo facto de as estratégias que utilizei terem dado resultado, baseadas em situações de jogo.

Esta foi uma opção que utilizei em todas as modalidades coletivas, resultando melhor em algumas modalidades, mas que trouxeram para as aulas um maior empenho motor dos alunos e uma dinâmica que não conseguia em aulas com tarefas mais analíticas.

2. ANÁLISE REFLEXIVA

*“ Pode o homem tornar-se culto
pela cultura dos outros;
Mas só se torna sábio pelas
próprias Experiências.”*

(Mansou Chalita)

Durante todo este estágio, houve muitas aprendizagens e conhecimentos que fui adquirindo com o tempo, aprendizagens que farão de mim um melhor professor.

Tão importante quanto os conhecimentos que adquiri foi as reflexões que ao longo deste estágio realizei.

Só reconhecendo os nossos erros conseguimos evoluir, efetuando modificações, ajustamentos, corrigindo comportamentos de forma a nos tornarmos mais competentes.

“Um professor eficaz dirige os seus alunos de modo a diminuir as perturbações e aumentando o tempo consagrado à aprendizagem” (Siedentop, 1998)

Para nos tornarmos um professor competente temos de ir mais além do que nos diz este autor, levando o ensino a um nível mais elevado.

Este Estágio Pedagógico foi mais um degrau que subi em direção a este objetivo.

2.1. Aprendizagens e Conhecimentos Adquiridos.

“O estágio constitui uma primeira tomada de contato com as realidades do ensino” (Piéron, 1996)

Apesar de este não ser o primeiro contato com a realidade do ensino, por já ter estagiado no último ano da licenciatura, lecionando numa turma do 5º ano, é para mim bom recordar uma etapa muito positiva da minha formação inicial como professor de Educação Física.

Durante este ano letivo recorri numa primeira fase a todo um conhecimento teórico que fui aprofundando e aprimorando ao longo destes anos de formação, e que me serviram de suporte.

Para poder enriquecer mais esta formação procurei fazer uma pesquisa mais dirigida para as matérias e formas de trabalhar que se adaptassem melhor à turma em questão.

“Para podermos ensinar com competência tem de se conhecer a fundo a matéria de ensino”, e “a experiência é condição essencial da competência, mas não é condição suficiente” (Siedentop,1989).

Seguindo as palavras deste autor sabia que iria ser muito difícil conseguir ensinar ao nível da competência, mas pretendi fazer o meu melhor tentando tornar-me um *“professor eficaz que está ao alcance de qualquer professor mesmo dos principiantes” (Siedentop,1989).*

Ao começar a colocar a teoria em prática, surgiram as dúvidas e o nervosismo que se foi desvanecendo com o tempo, mas nunca totalmente suprimido ao longo de todo o ano.

Durante este tempo fui muitas vezes colocado à prova, nas diferentes dimensões que constituem uma aula, o que mostra mais uma vez a importância da experiência em prática pedagógica onde tudo se desenrola em simultâneo e onde não se pode parar o tempo para mais tarde decidir.

Irei então fazer uma análise reflexiva, onde abordarei as diferentes dimensões do processo de ensino, o planeamento, a realização e a avaliação.

2.1.1. Planeamento

Sendo o planeamento um fator primordial para o sucesso ou insucesso da prática, este deve ser objeto de grande reflexão e conhecimento de forma a estar adaptado às características e necessidades dos alunos.

De nada vale um planeamento muito ambicioso e com muitos conteúdos de aprendizagem se não estiverem ao alcance dos alunos em questão.

“O Professor deve ser alguém que deverá estar preparado para um mundo e um saber em constante evolução, e que, para além de um informador/comunicador

seja também um organizador de situações de aprendizagem, um observador, um gestor e um avaliador” (Sousa,1991).

Pegando nas palavras deste autor, posso dizer que olhei para o meu planeamento sempre como algo inacabado e em constante transformação, que se foi modificando à medida que fui pondo em prática e observando as aprendizagens dos alunos.

Estes constantes ajustamentos foram ao nível das unidades didáticas alterando os quadros de extensão de conteúdos de forma a conseguir colmatar dificuldades que foram surgindo em relação às aprendizagens dos alunos.

Apesar de inicialmente ter a sensação de ter feito um planeamento ajustado às aprendizagens dos alunos baseando-me na avaliação diagnóstica efetuada no início do ano, houve uma evolução nas aprendizagens muito diversificada o que originou constantes modificações ao nível do planeamento e da organização dos grupos.

Em relação ao planeamento das aulas, fui melhorando ao longo do ano, após reflexão com o orientador, que me foi dando indicações de como melhorar e torná-lo mais completo e melhor estruturado.

Estas reflexões também me ajudaram a melhorar as estratégias e organização das aulas, de forma a ir aperfeiçoando aspetos que tornassem as aulas mais eficazes.

Fui perdendo o nervosismo de estar a lecionar, o que me ajudou muito para progredir, mostrando aulas mais dinâmicas e organizadas, o que contribuiu para o sucesso dos alunos.

Experienciei situações novas sem medo de arriscar, optando por diversificar estilos de ensino que inicialmente apenas alternava entre o estilo por comando e por tarefas, para me sentir mais seguro.

No que se refere às aprendizagens, que assimilei através das reflexões após as aulas, estas não ocorreram apenas na crítica efetuada pelo Orientador da Escola e da Faculdade.

As críticas construtivas efetuadas pelos diferentes elementos do núcleo de estágio foram essenciais para a minha evolução, devido à partilha de experiências e estratégias já colocadas em prática nas suas turmas e que tinham resultado.

Esta partilha revela mais uma vez a união do grupo, que ao longo do tempo se foi cimentando e que possibilitou momentos de trabalho em grupo antes das aulas, com a ajuda no planeamento e na montagem dos materiais para a aula assim como no final na arrumação de material e reflexão da aula.

No final deste estágio pedagógico tenho consciência que o planeamento que efetuei por vezes não foi o mais adequado, contribuindo negativamente para que nem todos os alunos tenham conseguido atingir os objetivos em algumas modalidades.

Esta consciencialização de que nem sempre conseguimos prever a evolução dos alunos, faz com que tenhamos ainda mais um papel determinante na forma como planeamos as aulas e na forma como a realizamos, devendo estar em constante observação de maneira a ajustar os conteúdos das aprendizagens.

Este trabalho, árduo mas fundamental, é algo que nos vai apetrechando, de conhecimentos para num futuro podermos tomar decisões de rotina que permitem responder prontamente a situações já vividas ou semelhantes.

2.1.2. Realização

“Um episódio de ensino é definido pelo tempo dedicado a uma situação de prática dos alunos e pelos atos de ensino que originam e que a acompanham” (Mosston, 1966 citado em Januário 1996).

As decisões tomadas durante a interação são denominadas *“decisões de execução”*, e são executadas a partir do momento de contato e interação professor-aluno.

Destas decisões constam os ajustamentos realizados ou alterações às decisões previamente planeadas.

O primeiro momento em que nos confrontamos pela primeira vez com os alunos é algo que irei recordar por muito tempo.

É a partir desse momento que começamos a perceber a verdadeira importância dos nossos atos enquanto professores e a influência que temos na formação de um grupo em geral e de cada aluno em particular.

Durante as aulas, tive como primordial preocupação tentar seguir como referência os princípios da eficácia escolar, *“os ingredientes da eficácia escolar*

poderiam bem ser: Uma elevada percentagem de tempo consagrado à matéria de ensino; uma elevada taxa de comportamentos diretamente relacionados com as tarefas a aprender; uma boa adaptação do conteúdo do ensino às capacidades dos alunos; o desenvolvimento de um clima positivo na aula” (Siedentop, 1993 citado em Piérron (1985).

Estes quatro princípios, referidos pelo autor levam-me a fazer uma análise das dimensões que neles estão subentendidos para a eficácia escolar: gestão do tempo, instrução, feedback e clima/disciplina.

Gestão do tempo

A gestão do tempo nas aulas de Educação Física é um fator que influencia muito o sucesso da aula.

Para que exista aprendizagem não basta os alunos estarem em atividade, para potenciar a aprendizagem dos alunos é necessário seguir os seguintes critérios na escolha das atividades (Zabalda,1987 citado em Vilar (1993):

Validéz – A “atividade” permite alcançar o pretendido;

Significação – A “atividade” possui realmente valor educativo;

Funcionalidade – A “atividade” pode ser realizada face à situação ou condições presentes e se é compatível com as restantes componentes do modelo didático adotado.

A investigação sobre o ensino da Educação Física, diz-nos que em média (25%) do tempo da aula em níveis mais baixos e (22%) para os outros é gasto em situações de organização.

Estas organizações referem-se ao início e final da aula, transições entre tarefas e as deslocações.

Sabendo que este tempo não é de aprendizagem foi uma preocupação minha diminuí-lo ao máximo de forma a rentabilizar o tempo de empenho motor, uma vez que é bastante reduzido.

Esta gestão do tempo não foi inicialmente uma tarefa muito fácil. Estando preocupado em executar as tarefas todas que tinha planeado para cada sessão levou-me a querer executar os tempos como tinha planeado, o que por vezes se revelou impossível.

O facto de ter de controlar e organizar a turma, observar o desempenho dos alunos e fornecer feedbacks, gerou por vezes um descontrolo do tempo na tarefa que me fez terminar as aulas um pouco mais tarde do que o planeado.

Estas situações, aconteceram no início do estágio pedagógico pelas razões que mencionei, e pontualmente em algumas aulas já após me ter libertado mais do plano de aula, por observar o entusiasmo dos alunos em algumas tarefas prolongando-as para além do tempo planeado.

À medida que fui avançando nas unidades didáticas foi-me mais fácil fazer uma gestão do tempo adequada, conseguindo diminuir muito os tempos de transição e instrução com a criação de rotinas.

Um outro aspeto que me levou inicialmente a fazer uma pior gestão do tempo foi a forma como efetuava as demonstrações das tarefas utilizando um discurso extenso sem utilização de palavras-chave.

Estas situações ocorreram por ter algum receio que os alunos não percebessem o que era pretendido nas tarefas e não conseguissem trabalhar os objetivos propostos.

Após reflexão com os colegas e professor orientador, o meu discurso foi melhorando e consegui através de instruções claras e precisas diminuir os tempos fora da tarefa.

De forma a conseguir rentabilizar melhor o tempo em atividade, como já referi comecei a criar rotinas de trabalho, *“...formas de organização que permitem um ensino eficaz. Elas visam a colocação do material e dos alunos que o devem utilizar em condições que permitam numerosas repetições das habilidades a praticar, em condições ótimas de segurança”* (Piéron, 1996).

Estas formas de organização referidas pelo autor, foram muitas vezes utilizadas de forma eficaz, possibilitando numa aula criar situações em que os alunos não necessitaram de sair do local da tarefa, praticando sempre no mesmo lugar através de pequenas modificações nos objetivos das tarefas.

Instrução

Quando falamos em instrução estamos a referir-nos aos quatro elementos que fazem parte da aula de Educação Física: preleção, demonstração, feedback e questionamento.

“os professores de Educação Física dedicam entre 10 a 50% do tempo de aula em instrução” (Siedentop, 1998).

Esta grande diferença *“tem a ver com a matéria de ensino e com o momento da Unidade Didática sendo mais reduzido nas últimas aulas (consolidação) (Metzeler, 1980).*

Não conseguindo precisar o tempo em instrução durante as aulas, posso afirmar que, de acordo com o autor em cima referido, foi notável a diminuição do tempo de instrução nas últimas aulas das unidades didáticas em que os alunos já estavam rotinados com algumas tarefas e as dúvidas eram cada vez menos.

“Os professores eficazes se distinguem pela capacidade que revelam em proporcionar aos alunos uma instrução de maior qualidade científica e técnica, centrada fundamentalmente na informação dos requisitos técnicos de execução da tarefa a aprender, explicitando frequentemente com demonstrações” (Carreiro da Costa, 1995 citado em Petrica, 2004).

Indo ao encontro das palavras deste autor, tentei nas minhas preleções ser claro utilizando uma linguagem simples e técnica adequada, recorrendo frequentemente à demonstração como forma de instruir os alunos para a tarefa.

Nestas demonstrações utilizei alunos que numa ou outra modalidade se evidenciaram pelo excelente nível que demonstraram, e que puderam mostrar aos restantes colegas níveis de execução muito bons, passando uma imagem rigorosa e quase sem falhas. Também completei algumas demonstrações com algumas indicações de componentes críticas essenciais para realizar os conteúdos apresentados.

Seguindo uma máxima de que uma imagem, vale por mil palavras, nas instruções também foram utilizados meios auxiliares de ensino, mais concretamente cartazes que continham uma imagem do que era pretendido e onde os alunos poderiam recolher informação de como executar o que era pretendido.

Esta opção teve o efeito pretendido, levando os alunos a consultar estes cartazes e assim poderem eles próprios dar feedbacks aos restantes colegas, comparando a imagem com o movimento executado.

Com as instruções pretendi transmitir aos alunos informações pertinentes, chamando-os à atenção de aspetos críticos e motivando-os conseguindo desafiá-los para o empenhamento motor de forma a superarem os objetivos pretendidos.

Durante as tarefas forneci sempre feedback, tentando variar ao máximo a forma e conteúdo dos feedbacks fornecidos aos alunos.

“Depois da prática a informação de retorno sobre o resultado parece ser a variável mais importante no processo de aprendizagem” (Godinho et al. 2002).

Esta informação de retorno que nos fala este autor, contribui para que o aluno tenha a noção do que está a fazer, saber o que tem de melhorar e aperfeiçoar ou, simplesmente, que já consegue atingir os objetivos.

Apesar de transmitir aos alunos muitos feedbacks estes não devem ser avaliados só pelo seu número mas também pelo seu conteúdo.

Muitos dos feedbacks que forneci aos alunos não foram os mais pertinentes ou basearam-se por vezes no “boa, isso mesmo, força...”. Apesar de motivarem o aluno não lhes dá informação suficiente sobre o que já consegue fazer e onde ainda pode melhorar.

O feedback deve ultrapassar a simples informação do correto ou incorreto, deve indicar os meios que o aluno pode ou deve utilizar para melhorar a sua prestação.

Esta capacidade de observar e centrar-se no aspeto mais importante do movimento do aluno para lhe fornecer feedback adequado é uma tarefa que só se consegue fazer conhecendo muito bem as componentes críticas dos gestos técnicos e as características dos alunos.

Para que os alunos consigam progredir de forma continuada é necessário uma informação frequente e de qualidade.

Um aspeto que me fui apercebendo à medida que fui conhecendo melhor os alunos foi a forma como deveria fornecer feedbacks, diversificando a forma, objetivo e afetividade.

O facto de os alunos serem todos diferentes, reagirem de forma diversificada ao mesmo feedback, faz com que um feedback negativo possa ter um efeito motivador num aluno e num outro ser fator de desmotivação.

Esta sensibilidade levou-me a tentar ajustar os tipos de feedback às características dos alunos.

A opção de colocar os alunos a fornecer feedbacks aos colegas também foi utilizada, aproveitando alunos que não executavam a aula e assim, após uma instrução

pude utilizá-los como agentes de ensino, sempre sobre a minha supervisão.

Apesar de esta opção me libertar mais para um acompanhamento dos grupos de nível mais baixos, esta teve de ser muito bem planeada. Se o aluno que está a fornecer feedback, não for bem instruído, para o que deve observar e corrigir no colega, pode levar a que se cometam erros que mais tarde podem influenciar a performance do aluno. Para supervisionar estas situações optei por utilizar o questionamento ao aluno que fornecia os feedbacks, verificando se a informação que estava a passar para o colega era a mais correta e, caso não fosse, corrigia-o.

O questionamento foi um instrumento que utilizei variadas vezes, mais no início da aula e no final, fazendo um balanço da aula onde verificava se os alunos sabiam os objetivos da aula. No início da aula foi utilizado mais para recordar conteúdos abordados em aulas anteriores, fazendo assim a extensão e sequência de conteúdos para a aula em questão.

Esta utilização do questionamento também serviu para captar a atenção dos alunos, em momentos que por vezes podem tornar-se mais barulhentos ou de brincadeira, por estarem muitos alunos juntos uns dos outros por ainda não estarem em atividade ou a terem terminado.

Clima/Disciplina

Tratando-se de duas dimensões diferentes, optei por abordá-las em conjunto pela sua ligação e pela influência que cada uma delas tem em relação à outra.

A disciplina está estreitamente relacionada com o clima, sendo afetada pela gestão e qualidade da instrução.

Inicialmente, e por estar diretamente ligado a um meio profissional em que a disciplina é fundamental onde os momentos de indisciplina são intoleráveis e por isso muito raros, tinha algum receio de como iria reagir a certos comportamentos dos alunos e que imagem iria passar para a turma.

Tentei não transpor a realidade a que me habituei para as minhas aulas. Iniciei o ano com a intenção de mostrar aos alunos a minha simplicidade e aproximação que queria estabelecer com eles.

Nesse sentido, mantive uma comunicação de proximidade com todos eles, mostrando-lhes uma atitude positiva e de confiança em todos eles, para em conjunto realizarmos um trabalho ao longo do ano, dentro de um ambiente agradável e de partilha de conhecimentos.

Como estratégia para trabalhar estas dimensões do ensino e continuar a ter uma turma disciplinada e unida, como me foi transmitido pelos professores de anos anteriores, optei por efetuar uma supervisão ativa da prática dos alunos, num clima de apoio e encorajamento criando-lhes o desejo de se empenharem na prática.

Segundo alguns estudos realizados concluiu-se que os alunos que sabem que o professor supervisiona de perto a classe têm mais tendência para se concentrarem e empenharem na tarefa.

Esta proximidade levou-me a conhecer melhor os alunos e algumas das suas características individuais que me foram úteis para saber como interagir com eles.

Esta proximidade aos alunos, não bastou para que conseguisse um bom clima de aula, juntamente a este controle, fui-me tornando cada vez mais consistente, mostrando sempre entusiasmo à superação, relacionando as interações dos alunos com as suas emoções e sentimentos.

Uma estratégia que resultou para manter os alunos em bons níveis de empenho, foi a exigência que mantive ao longo das aulas, aliada a um reconhecimento positivo dos seus atos nos diferentes níveis cognitivo, motor e socio-afetivo.

A nível disciplinar há que distinguir dois tipos de comportamentos, os fora da tarefa e os de desvio.

Relativamente aos fora da tarefa, tentei sempre que possível ignorar quando estes não colocavam em risco o bom funcionamento da aula, não dando realce para não perturbar os restantes alunos ou chamando o aluno individualmente, explicando-lhe a razão.

Quanto aos comportamentos de desvio, tentei primeiro corrigir através da repreensão verbal e, caso tivesse de voltar a fazê-lo, de forma punitiva. De realçar que não me lembro de nenhuma situação de comportamentos de desvio, que me levassem a ter esta ação de punição.

Para criar uma união mais forte em todos os alunos da turma, no início do ano, juntamente com todos os alunos criou-se o grito da turma, que consistia no final da aula todos abraçados efetuar um grito (Pela União 8ºD).

Este era executado por dois alunos, escolhidos por se terem evidenciado de alguma forma positiva na aula e repetido por todos os outros.

Esta estratégia teve o efeito que pretendia, unindo mais a turma e tornando-os mais cooperativos nas aulas.

2.1.3. Avaliação

A avaliação constitui atualmente, um instrumento poderoso de comunicação nas escolas e na comunidade envolvente.

É um processo sistemático de valorização ou juízo sobre um programa ou um conjunto de atividades, servindo como base ou guia para uma tomada de decisão racional, promovendo o conhecimento e a compreensão dos fatores associados ao êxito ou fracasso dos seus resultados (Monteiro, 1996).

A necessidade de avaliar mantém-se sempre, apesar das limitações que restringem os professores e das dificuldades inerentes às suas tarefas. *"A medição é parte integrante da empresa educativa, pois não podemos educar se não valorizarmos o carácter e o alcance de aprendizagem atingido pelo educando"* (Goring, 1981).

Fica assim, visível a importância crucial dos processos avaliativos no desenrolar de toda a nossa ação educativa, devendo portanto ser objeto de reflexão juntamente com o Professor Orientador, de forma a ser o mais correto possível.

Durante os episódios de avaliação tive em consideração: *"avaliar pressupõe o acompanhamento do progresso do aluno no seu processo de aprendizagem, identificando os aspetos que já foram atingidos, bem como aqueles onde terão mais dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções"* (Ribeiro, 1999).

Em suma, com base no despacho normativo n.º 14/2011, *"a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens"*.

Durante este processo avaliativo dos alunos recorri a diferentes tipos de avaliação, relacionando as funções de cada uma ao momento em que a mesma foi efetuada.

Desta forma utilizei quatro tipos de avaliação das quais irei abordar cada uma individualmente.

Avaliação Diagnóstica

Esta avaliação é realizada *“antes do processo ensino-aprendizagem e consiste no levantamento dos conhecimentos dos alunos, a sua predisposição para a aprendizagem e a sua integração no processo de aprendizagem”* (Ferrão e Rodrigues, 2000).

Este tipo de avaliação tem como principal função, *“verificar se o aluno já possui um conjunto de aprendizagens que servem de base à unidade que se vai iniciar”* (Ribeiro, 1999).

Foi neste sentido, e seguindo a orientação da opinião do Grupo de Educação Física, que apliquei o protocolo de avaliação inicial, de maneira a poder verificar e agrupar os alunos em grupos de nível, dando-me informação essencial para a construção das Unidades Didáticas.

Realizada no início do ano letivo, a avaliação inicial (9 aulas), orientou todo o processo de ensino-aprendizagem, efetuando o diagnóstico de desempenho dos alunos, definindo posteriormente os objetivos a desenvolver no ano letivo.

Esta deu-me ainda oportunidade de verificar as dificuldades gerais da turma, de forma a definir a ordem dos conteúdos a lecionar e o grau de exigência dos mesmos e as estratégias mais eficazes a implementar.

Esta recolha de informação foi efetuada através de uma grelha de registo da avaliação diagnóstica para as diferentes modalidades.

Neste ponto, tive algumas dificuldades em escolher os conteúdos a avaliar, de forma a conseguir recolher uma informação adequada, que me possibilitasse ver concretamente o nível dos alunos.

Esta escolha dos conteúdos em algumas matérias revelou-se desacertada, originando uma recolha de informação que durante a prática da Unidade Didática

não correspondeu à realidade de alguns alunos, e por isso tive de efetuar alguns ajustes nos grupos de trabalho.

Este ajustamento dos grupos ocorreu de maneira a agrupar os alunos por níveis para poder trabalhar por grupos de nível, efetuando uma diferenciação pedagógica que possibilitou uma aprendizagem mais adequada e rápida.

Apesar de ter os alunos agrupados por níveis, não efetuei um trabalho apenas com grupos homogéneos, utilizando muitas vezes grupos heterogéneos de forma a possibilitar a evolução dos alunos de nível mais baixo através da interação com os alunos de nível mais elevado.

Esta opção serviu para a consciencialização, por parte dos alunos de nível mais elevado das suas prestações, pedindo-lhes a colaboração e cooperação com os restantes elementos do grupo.

Avaliação Formativa

Esta avaliação permite detetar as dificuldades, as causas e, desde logo, realizar ajustamentos necessários, com o objetivo de regular toda a aprendizagem.

Este tipo de avaliação tem uma função controladora e como propósito, informar o professor e o aluno sobre o desempenho na aquisição da aprendizagem e identificar as dificuldades que vão surgindo no processo educativo.

Em síntese, *“é uma avaliação que funciona como bússola orientadora do processo ensino aprendizagem”* (Cortesão,1993).

A avaliação formativa pode assumir duas modalidades distintas mas complementares, são elas a avaliação contínua ou informal e a avaliação formativa de carácter formal e pontual (Carvalho,1994).

A avaliação formativa contínua permitiu-me efetuar uma reflexão sobre as dificuldades sentidas pelos alunos e verificar onde se encontravam em relação ao objetivo final de uma unidade de trabalho.

Para a recolha desta informação apenas utilizei a observação dos alunos, não efetuando nenhum registo em grelhas.

Esta opção foi propositada porque verifico que muitas vezes quando estou “agarrado” a uma grelha de observação a fazer o registo, acabo por cometer alguns erros que são prejudiciais para as aprendizagens dos alunos. Exemplos desses

erros são: fornecer menos feedbacks, deslocamentos e posicionamento menos corretos e transmitir menos entusiasmo aos alunos para a prática.

Para colmatar esta falha ou esta opção na reflexão final da aula pude registrar alguns aspectos da avaliação formativa de maneira a poder fazer adaptações nas aulas seguintes.

Estas informações serviram de referencial, fundamental quer para a avaliação da execução do movimento, quer para eventuais correções, de modo a ajustar o processo de aprendizagem às necessidades dos alunos.

A avaliação formativa formal foi realizada em alguns momentos e serviu como balanço da atividade realizada num determinado período de tempo, sendo efetuada através do registo de uma grelha de avaliação, permitindo tomar decisões em relação à orientação e regulação do trabalho efetuado.

No final deste estágio pedagógico tenho a noção que, fruto da pouca experiência que ainda possuo, este tipo de avaliação deveria ter sido mais explorado, recolhendo mais e melhor a informação que me ajudaria nas tomadas de decisões no futuro.

Avaliação Sumativa

“A avaliação sumativa é a formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina, no quadro do projeto curricular de turma respetivo, dando uma atenção especial à evolução do conjunto dessas aprendizagens e competências” (Abrantes,2002).

“A avaliação sumativa pretende formar um juízo acerca do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, de modo a verificar resultados recolhidos na avaliação formativa e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino” (Ribeiro,1999).

Com este tipo de avaliação não pretendi melhorar o processo de aprendizagem, mas sim, atribuir uma classificação a determinados conteúdos abordados durante as aulas.

Esta avaliação ocorreu no final de cada período e no final das Unidades Didáticas, de forma a verificar se os objetivos tinham sido alcançados pelos alunos.

Ao contrário de todas as outras avaliações anteriormente descritas, este tipo de avaliação foi efetuada nos diferentes domínios de ensino.

No domínio cognitivo foi feita através de testes sumativos, no final de cada período letivo; no domínio socio-afetivo, avaliando a forma como os alunos interagem entre si respeitando-se uns aos outros, as regras de aula e das modalidades abordadas; por último a avaliação motora através da observação e registo do desenvolvimento das suas competências.

A avaliação sumativa, teve um carácter quantitativo, atribuindo um valor definido numa escala de valores, que serviu de indicador do nível de cada um dos alunos.

Esta necessidade de avaliar não foi uma tarefa fácil, tentei sempre ser o mais justo possível, observando e não registando apenas através de uma observação mas dando ao aluno vários momentos de execução de forma a este poder melhorar o seu desempenho. Também forneci sempre feedback durante as aulas de avaliação sumativa, avaliando os alunos na sua melhor prestação, ajudando através de pequenas correções, incentivando a melhorar através de feedbacks positivos e motivacionais.

Ao longo do ano, e com a ajuda do Professor Orientador, notei uma melhoria e uma maior facilidade em avaliar, contribuindo em muito para a minha formação. No entanto continua a ser uma tarefa de extrema dificuldade e de grande responsabilidade.

2.2 Dificuldades e Necessidades de Formação

Ao longo deste estágio, houve algumas dificuldades que foram surgindo umas por falta de experiência, outras por carências na nossa formação.

Procurei contornar a falta de experiência, através do apoio por parte dos restantes elementos do núcleo de estágio e, sobretudo, dos Professores Orientadores da Escola e da Faculdade.

Relativamente às necessidades de uma formação continua, foi mais difícil de contornar por falta de disponibilidade para efetuar formação e por nem sempre ser de fácil acesso por questões monetárias/económicas.

2.2.1 Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

“Para a maioria dos estudantes este é o primeiro ano de responsabilidade de docência de uma turma de Educação Física, feita por um processo intenso de aprendizagem quase sempre por ensaio-erro” (Veenman,1984 citado em Ruas,2001).

Através destas palavras revejo todo o meu percurso desde que iniciei este estágio até este momento.

Passei por um processo intenso de aprendizagem, que fui adquirindo com o tempo, através de uma prática que me fez cometer muitos erros, mas que transversalmente foram diminuindo.

Um dos períodos onde senti mais dificuldades, foi inicialmente, com todo o processo de planeamento para começar um trabalho de forma mais ajustada à turma em questão.

A distribuição das matérias de ensino, de forma a lecionar aulas politemáticas, agrupando-as e conjugando-as com os espaços de aula atribuídos, foi uma dificuldade que consegui ultrapassar através do aconselhamento do Professor Orientador, pela sua experiência e formação.

Durante a realização das aulas houve dificuldades que fui sentindo e que ao longo do tempo tentei ultrapassá-las através da observação, reflexão das aulas dos meus colegas de estágio e apoiado pelo acompanhamento do Professor Orientador.

Estas dificuldades fizeram-se sentir com mais relevo ao nível do planeamento dos exercícios da aula, das instruções e gestão do tempo.

No planeamento tive inicialmente alguma dificuldade em escolher exercícios que tornassem as aulas mais dinâmicas, optando por planear tarefas mais analíticas, levando a aulas um pouco monótonas em que a motivação dos alunos nem sempre era a mais adequada.

Após algumas mudanças nas estratégias e diversificação dos exercícios, utilizando mais as situações jogadas e de competição, consegui ir aumentando as dinâmicas das aulas o que traduziu num maior empenho motor dos alunos e consequente motivação.

Este planeamento mais cuidado e diversificado, tornou-se assim um fator com sucesso para que os alunos conseguissem atingir níveis mais elevados nas suas aprendizagens.

As instruções também foram fator de preocupação numa fase inicial. O querer dar instruções completas e de forma a não suscitar dúvidas nas tarefas, levou-me a alongar demasiado as preleções e demonstrações.

Este tempo excessivo, fez com que diminuísse o tempo de empenhamento motor dos alunos, o que rapidamente me levou a modificar este comportamento escolhendo estratégias mais eficazes.

Comecei por diminuir os tempos de preleção, colocando mais rapidamente os alunos em atividade e posteriormente através de feedbacks fornecidos ao grupo dar informações adicionais de forma a fazer alguns ajustamentos.

Posteriormente e com as rotinas criadas ao nível de organização e tarefas realizadas, os tempos de instrução foram diminuindo significativamente.

Em relação aos feedbacks fornecidos, as dificuldades foram sentidas no sentido de fechar os ciclos de feedback, procurando ver se tinha obtido o efeito pretendido.

Neste aspeto as estratégias que utilizei foi de aprofundar os meus conhecimentos ao nível dos erros mais comuns dos alunos e após fornecer feedback a um aluno esperar para ver qual o resultado, fornecendo novo feedback de reforço.

Também o facto de começar a conhecer melhor a turma e os alunos, ajudou a perceber que tipos de feedbacks se adequavam mais a cada um.

Estas sensibilidades, que fui adquirindo com o tempo, mostram uma vez mais a importância da prática pedagógica supervisionada. Como os alunos necessitam de feedbacks para conseguirem progredir e melhorar, nós, enquanto estagiários, também sentimos necessidade de ter um feedback de alguém com formação e experiência, que nos oriente e faça refletir sobre o nosso trabalho.

No que diz respeito à dimensão gestão, inicialmente senti alguma dificuldade em conseguir fazer uma gestão do tempo adequada, o que me levou a terminar as aulas por vezes depois do tempo previsto retirando tempo de intervalo aos alunos.

Como estratégia para ultrapassar esta dificuldade, como já referi, diminui os tempos de instrução e os tempos de transição entre tarefas, conseguindo assim uma melhor gestão do tempo nas tarefas e um maior tempo de empenhamento motor.

Ter começado a levar para a aula os grupos já definidos também contribuiu para diminuir os tempos de organização.

Um outro aspeto que tive alguma dificuldade no início e que foi objeto de algumas reflexões por parte do orientador da escola, foi a capacidade de fazer ajustamentos nos momentos oportunos.

Esta dificuldade deveu-se também ao facto de inicialmente estar muito centrado no plano de aula e mostrar alguma resistência às alterações ao planeamento, tentando efetuar a aula como estava planeada independentemente da eficácia dos exercícios.

Este pensamento de que o plano de aula era para cumprir e no final faria a reflexão do que tinha corrido bem e mal, modificando na aula seguinte, foi colocado de parte e comecei a tomar decisões de ajustamento durante as aulas.

Estas revelaram-se mais benéficas para as aprendizagens dos alunos, que podiam desde logo exercitar situações que se ajustavam mais às suas necessidades. Esta mudança levou a que tivesse mais atenção a pormenores que podem fazer toda a diferença entre o sucesso e o insucesso dos alunos numa tarefa.

Uma outra dificuldade sentida foi criar uma igualdade de oportunidades de aprendizagens para os diferentes níveis de proficiência dos alunos, efetuando uma diferenciação pedagógica.

Esta diversificação de grupos de nível, levou a que tivesse de criar situações de aprendizagem que fossem ao encontro das necessidades dos alunos, o que nem sempre foi fácil devido à complexidade em termos de organização e transição, juntamente com instruções diferenciadas.

Para ultrapassar estas dificuldades optei por não modificar totalmente as tarefas mantendo os conteúdos e objetivos, modificando apenas a forma de os atingir tornando mais ou menos complexo consoante o nível do aluno.

Esta complexidade passou muitas vezes apenas pela condicionante de algumas regras de jogo, número de jogadores ou espaço de jogo.

Para finalizar não poderia deixar de fazer referência ao aspeto da avaliação, que inicialmente me trouxe imensas dificuldades por tentar utilizar grelhas de registo muito complexas, que em vez de facilitar o trabalho ainda vinha colocar mais complicações a uma tarefa já bastante complexa.

Como já referi anteriormente, o facto de ter de preencher uma grelha durante a aula, leva a que se negligencie alguns aspetos que contribuem de forma mais pertinente para as aprendizagens dos alunos.

Ao tentar registar muita informação nas grelhas de avaliação, levou-me a diminuir os feedbacks fornecidos aos alunos e a fazer um menor deslocamento durante as aulas.

Para resolução deste problema, criei instrumentos de registo mais simplificados, que por vezes preenchi após terminar a aula recorrendo às observações feitas durante a aula e de aulas anteriores de avaliação formativa.

Estas situações tornaram o processo de avaliação mais simplificado e de maior eficácia possibilitando uma avaliação mais produtiva e conseguindo avaliar todos os alunos num espaço de tempo inferior.

Por fim, uma dificuldade sentida mas que consegui rapidamente ultrapassar, e irei explorar com a elaboração do tema problema, foi o de ter um aluno com Necessidades Educativas Especiais na turma e não possuir formação suficiente para poder trabalhar de forma mais segura e aprofundada, com alunos com essas necessidades.

“Por mais adequada e completa que seja a formação inicial, esta nunca confere ao futuro professor todas as competências necessárias ao desenvolvimento da docência” (Frontoura,2005).

De realçar mais uma vez que todas estas dificuldades foram diminuindo ao longo do ano, devido a um acompanhamento exemplar e de entre ajuda do Professor Orientador da Escola e de uma supervisão, efetuada pelo Professor Orientador da Faculdade, que através de uma reflexão aprofundada me foi dando diretrizes de como ultrapassar as nossas/minhas dificuldades.

2.3. Ética Profissional

Durante o estágio pedagógico mantive sempre uma postura correta com todos os alunos, professores e funcionários da escola, mostrando-me sempre que possível disponível para colaborar nas atividades.

Mantive um comportamento socialmente correto, servindo como exemplo para os meus alunos.

Apesar de mostrar ao longo do tempo uma imagem descontraída, de fácil relacionamento e de disponibilidade para todos os alunos, também tive momentos em que apresentei uma postura mais séria.

Dentro deste âmbito ético-profissional, demonstrei capacidade de iniciativa nos trabalhos individuais, como nos trabalhos de grupo, respeitando sempre os compromissos assumidos.

Também quero referir que a minha disponibilidade, não se limitou a um grupo de trabalho ou núcleo de estágio, tendo colocando ao dispor da escola e de todos os alunos e professores que dela fazem parte, o meu conhecimento para desempenhar tarefas fora da minha área de formação.

Neste âmbito, após ter terminado o estágio a 31 de Maio, por uma questão de responsabilidade e de iniciativa, continuei a desempenhar as funções como professor até ao fim do ano letivo, terminando mais uma etapa da minha formação.

2.4. Questões Dilemáticas

Durante este estágio pedagógico foram alguns os dilemas que foram surgindo na prática pedagógica.

Estes podem ser divididos em duas situações diferenciadas, uma nas questões de planeamento e gestão das aulas e outra na forma de trabalhar com o aluno com Necessidades Educativas Especiais.

Este segundo dilema é talvez o que me deixou mais apreensivo no início do ano letivo, por não ter nenhuma formação nesta área e por não saber que tipo de necessidades iria encontrar neste aluno, como seria o seu relacionamento com os restantes colegas de turma e quais as suas limitações em termos motores que o impossibilitassem de desempenhar atividades juntamente com os outros alunos.

Para resolver estes dilemas iniciais, comecei por fazer uma recolha de informação sobre este aluno, de forma a tentar perceber e me preparar para receber o aluno da melhor forma.

Depois de analisar toda a informação recolhida, e de falar com a diretora de turma, fiquei com a sensação de que apesar de ser um desafio um pouco arriscado, devido à minha falta de formação nesta área, poderia tornar-se uma mais-valia para

a minha formação enquanto professor estagiário preparando-me melhor para situações futuras.

Para ficar a conhecer um pouco melhor este aluno recorri ao Relatório Circunstanciado (artigo 13º do Decreto – Lei nº 3/2008 de 07 de Janeiro) onde recolhi informações sobre os progressos alcançados e dificuldades que persistem, as avaliações das medidas educativas aplicadas, assim como as propostas de intervenção para este ano letivo.

O aluno em questão, apresenta um défice cognitivo, o que não o impossibilita de exercitar e trabalhar juntamente com os restantes alunos, apenas deve ter um acompanhamento mais próximo, para que consiga perceber qual é o objetivo de cada tarefa, e trabalhar em situações mais simples e de fácil compreensão.

Nas questões de relacionamento, o aluno partilha os mesmos espaços dos restantes alunos da turma estando totalmente integrado, respeitando e sendo respeitado por todos.

Ao longo destes anos tem sido feito um trabalho brilhante por parte da escola, o aluno usufrui de um Currículo Específico Individual e Tecnologias de Apoio preconizadas no Programa Educativo Individual.

Ao nível da Educação Física o aluno, o ano transato demonstrou uma melhoria a nível do relacionamento interpessoal quer com os adultos quer com os seus pares, foi pontual e assíduo e adotou um grande sentido de responsabilidade, revelou um comportamento exemplar assim como motivação e empenho na realização das tarefas.

Pretendi assim continuar este trabalho que tem vindo a ser feito, integrando o aluno na turma de uma forma natural, após a avaliação diagnóstica foi colocado no grupo de nível de desempenho motor trabalhando em grupos homogéneos e heterogéneos nas diferentes matérias de ensino.

Esta opção de acompanhar o aluno de forma mais próxima e de continuar a fazer um trabalho integrando o aluno juntamente com os restantes nas tarefas, foi bastante positivo, o aluno conseguiu atingir os objetivos em algumas matérias, melhorando bastante ao nível motor e socio-afetivo estando totalmente integrado na turma.

Ao nível cognitivo, a sua avaliação sumativa, apesar de ter sido efetuada através dos testes sumativos estes foram adaptados às suas necessidades

especiais tornando-os menos exigentes para que o aluno não fosse prejudicado em relação aos seus colegas.

Esta preocupação apesar de ter sido ultrapassada com sucesso, contando sempre com a ajuda do professor orientador nas minhas decisões, despertou-me para uma realidade cada vez mais atual e que por vezes nos pode passar despercebida.

A inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares, é uma realidade e cabe-nos a nós contribuir para que estes alunos se sintam cada vez mais integrados de forma a conseguirem um desenvolvimento proporcionado às suas capacidades tornando-os mais autónomos e ativos numa sociedade cada vez mais competitiva.

Este dilema levou-me a pensar na falta de formação inicial que os professores têm nesta área do ensino especial e fez com que quisesse aprofundar os meus conhecimentos nesta matéria.

Preparando-me para num futuro poder desempenhar este papel de uma forma mais consciente, optei por trabalhar o tema da Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares.

2.5. Conclusões

Para a realização deste estágio pedagógico, foi necessário um conjunto de conhecimentos que fui adquirindo ao longo da minha formação inicial como Professor de Educação Física, e na minha formação profissional.

Durante o estágio pedagógico, fui acumulando experiências enriquecedoras que me foram tornando uma pessoa mais confiante e segura, despertando-me para uma necessidade de constante reflexão das minhas práticas. Pude assim crescer individualmente e coletivamente nesta profissão tão exigente tornando-me mais conhecedor deste processo de ensino-aprendizagem, que requer uma entrega e disponibilidade total para atingir o sucesso.

Esta constante busca pela perfeição só foi possível através da noção e aceitação dos erros que vamos cometendo ao longo da prática, apoiada por um grupo de trabalho que através da crítica construtiva nos fornece feedbacks indispensáveis para alcançarmos patamares elevados.

A vontade de aprender e de melhorar faz com que adotemos este caminho que, por vezes parece não ter futuro, mas que continuamos a percorrer demonstrando um profissionalismo e dedicação que em muito nos enaltece.

Este foi sem dúvida o ano académico em que consegui mais e melhores aprendizagens, superando-me em momentos que me faltaram energias, mas que com a ajuda de todos os que acreditaram em mim consegui atingir os objetivos a que me propus.

É claro que este ano não fecha uma formação que está em constante mudança. As necessidades que temos de uma formação continua leva a que nunca nos sintamos satisfeitos, procurando sempre respostas para os problemas que nos vão surgindo.

Durante este estágio pedagógico fiquei a conhecer-me melhor, consegui descobrir potenciais e limitações que me eram desconhecidos, colocando-me numa posição de constante observação e avaliação.

3. APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA

3.1. Tema

O tema que escolhemos para desenvolver neste relatório final de estágio, incide em torno da inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares de Educação Física.

Pretendemos verificar a importância da Educação Física no desenvolvimento das aprendizagens de alunos portadores de deficiências.

3.2. Contextualização e Pertinência do Tema

A ideia de explorar este assunto, surgiu da possibilidade de poder aprofundar um tema ao qual tivemos de responder na prática, com a necessidade de lecionar aulas numa turma onde um aluno usufrui de um Programa Educativo Individual a saber, Currículo Específico Individual e Tecnologias de Apoio, ao abrigo do Decreto-Lei nº3/2008, de 7 de Janeiro.

Juntamente a este facto, foi-nos colocado o desafio, pelo Núcleo de Educação Especial, da Escola EB 2,3/S da Guia, de promover aulas de Educação Física para 6 alunos do primeiro ciclo, com Necessidades Educativas Especiais Permanentes.

Considerando a natureza do desafio, colocámos de imediato à disposição do Núcleo de Educação Especial, a nossa disponibilidade para em colaboração trabalhar neste projeto.

Assumimos então o compromisso de lecionar aulas de Educação Física, adaptadas às características das crianças, apesar de nenhum de nós possuir formação específica nesta área.

Este projeto decorreu durante todo o ano letivo numa sessão de 45 minutos por semana.

Achámos pertinente trabalhar com estes alunos, colaborando diretamente com o Núcleo de Ensino Especial, de forma a verificar a importância que as aulas de Educação Física têm para o desenvolvimento destas crianças, para que futuramente

possam ser incluídos em turmas regulares, através de uma diferenciação pedagógica e um acompanhamento especializado.

Sendo a escola um dos sistemas da sociedade mais sensíveis às mudanças e flutuações dos diferentes contextos que a rodeiam, não pode deixar de incorporar, apropriar-se e organizar-se de forma flexível para sucessivos desafios.

Nesta linha de pensamento e reportando-nos ao nosso País, verificamos que a educação é vista como um direito fundamental de todas as pessoas (como aliás, explícito e patente na lei de bases do sistema educativo português).

Tendo em conta esta realidade, partimos do pressuposto que uma escola só poderá ser considerada verdadeiramente inclusiva quando proporcionar uma educação para todos, não fazendo distinção entre as crianças que a frequentam, não selecionando nem diferenciando com base em julgamentos precipitados.

Contribuindo para esta inclusão pretendemos criar aulas adaptadas às necessidades destes alunos, de modo a oferecer diferentes estratégias de aprendizagem, garantindo uma igualdade em que nenhum aluno será excluído das atividades desenvolvidas.

“A escola tem de ser o reflexo da vida do lado de fora”. Mantoan, (2005).

3.3. Metodologia

Para realizar este projeto, contámos com o apoio do Núcleo de Ensino Especial, do Professor Orientador da Escola e de todos os elementos do núcleo de estágio.

Pelo facto de não termos formação especializada na matéria em questão, começámos por adquirir conhecimentos através de uma revisão de literatura de forma a conseguirmos aprofundar algum conhecimento nesta área.

Após esta revisão, foi necessário fazer uma caracterização dos alunos com quem íamos trabalhar para ver as suas necessidades e quais as suas limitações para posteriormente fazer o planeamento da intervenção pedagógica.

Por fim, com base na revisão bibliográfica, das opiniões e conclusões do Núcleo de Educação Especial (através de uma entrevista) e das aulas lecionadas durante o ano letivo, retirámos as nossas conclusões sobre a importância destas

aulas no desenvolvimento destes alunos e de que forma podem estes ser incluídos futuramente, em turmas de Educação Física regulares.

3.4. Funções e Objetivos do Núcleo de Ensino Especial

Através de entrevista efetuada, ficámos a conhecer melhor o Núcleo de Ensino Especial, quais as suas funções e objetivos, os quais transcrevemos seguidamente.

“O NEE, tem como principal função, o de desenvolver um trabalho de promoção da inclusão dos alunos com NEEP que frequentam o Agrupamento de Escolas da Guia.”

“Desta forma, o trabalho que se desenvolve tem várias vertentes, desde a resposta a pedidos de referenciação (dada após rigorosos processo de avaliação do aluno), a definição de medidas educativas adequadas e adaptadas a cada um dos alunos abrangidos pelo Decreto – Lei número 3/2008 bem como o encaminhamento de outros alunos que, não sendo considerados NEEP após avaliação especializada, apresentam dificuldades no seu processo de ensino e de aprendizagem; a articulação constante com os educadores de infância, professores titulares de turma e conselhos de turma para que cada aluno usufrua eficazmente das medidas enunciadas (o que pressupõe um trabalho colaborativo e de partilha de experiências, materiais, etc.); a avaliação sistemática da eficácia das medidas adotadas e a sua reformulação quando tal se revela necessário e o apoio direto aos alunos para o desenvolvimento de competências específicas e, muitas vezes, transversais a todo o processo de ensino e de aprendizagem. É ainda dever deste núcleo um trabalho colaborativo com as estruturas da escola para que todos os intervenientes no espaço escolar adotem posturas coincidentes com a inclusão dos alunos com NEEP”.

Através da sua caracterização podemos ver que o principal objetivo destes profissionais é a criação de condições de inclusão no espaço e cultura escolar.

3.5. Caracterização da População Alvo.

Atendendo às informações disponibilizadas pelos Professores do Núcleo de Ensino Especial, que acompanham diariamente estes alunos, segundo o seu retrato, estes caracterizam-se por ter deficiências variadas.

Após recolha de informação faremos a síntese de 5 alunos, cujos nomes não mencionamos por não termos autorização dos Encarregados de Educação.

Criança (1) do sexo feminino, nascida em abril de 2005, a frequentar o 2º ano de escolaridade usufruindo de um Currículo Educativo Individual, ao abrigo do Decreto-Lei nº 3/2008.

Portadora de Síndrome Pierre- Robin com quadro de multideficiência, sendo as áreas mais afetadas a linguagem, o domínio cognitivo e o emocional.

Apresenta, um atraso global de desenvolvimento grave em todos os domínios, nomeadamente no psicomotor. Não faz, ainda, controle esfinteriano.

Criança (2) do sexo feminino, nascida em 2002, a frequentar o 4.º ano de escolaridade e a usufruir de um Currículo Educativo Individual, ao abrigo do Decreto -lei n.º 3/2008.

Apresenta défice cognitivo grave, com graves repercussões na aquisição de competências mais académicas. Apresenta, ainda, alguma instabilidade emocional e rejeição pelo contexto escolar mais formal.

Criança (3) do sexo masculino, nascido em 2002, a frequentar o 4.º ano de escolaridade e a usufruir de um Currículo Educativo Individual, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008.

Apresenta alterações cromossomáticas e défice cognitivo grave. Demonstra, ainda, dificuldades de coordenação motora, coordenação óculo-manual e obesidade.

Criança (4) do sexo masculino, nascido em 2006, frequenta o 2º ano de escolaridade, e a usufruir de um Currículo Educativo Individual, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008.

Apresenta uma alteração cromossômica (deleção no cromossoma 22), ainda não tem diagnóstico conclusivo. Apresenta atraso psicomotor grave com dependência importante nas tarefas normais, como ir à casa de banho, vestir e despir, calçar, embora tenha melhorado significativamente a partir dos seis anos.

Iniciou tardiamente o andar, de modo autónomo, e só conseguiu correr aproximadamente com 5 anos. Apresenta, também, discrepância considerável entre idade cronológica e idade mental, revelando défice cognitivo grave.

Criança (5) do sexo feminino, nascido em 2004, frequenta o 2º ano de escolaridade, e a usufruir de um Currículo Educativo Individual, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008.

Apresenta graves limitações nas funções psicomotoras, graves alterações nas funções mentais da linguagem.

Nas interações interpessoais revela uma necessidade permanente de tocar nos colegas o que provoca alguma rejeição por parte dos mesmos.

É uma criança muito agitada, irrequieta e imprevisível. Faz frequentemente movimentos repetitivos e hesitantes o que condiciona a execução das tarefas.

Depois desta breve caracterização dos alunos verificámos alguns pontos comuns a todos eles que nos mostram as dificuldades que estes alunos têm em atividades relacionadas com o domínio psicomotor.

Apresentam todos graves limitações ao nível psicomotor e a nível cognitivo, mostrando pouca autonomia e uma necessidade de acompanhamento constante.

Todos os alunos usufruem de um Currículo Educativo Individual, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008, pertencendo ao grupo de alunos com Necessidades Educativas Especiais Permanentes.

3.6. Revisão da Literatura

3.6.1 Necessidades Educativas Especiais

A evolução do conceito faz com que "hoje em dia, pese embora as carências ainda existentes no sistema, o aluno com Necessidades Educativas Especiais

recebe uma educação mais adequada às suas características do que recebia atrás" (Correia, 1999).

"O conceito de Necessidades Educativas Especiais foi de uma enorme importância para a evolução das perspectivas educacionais dos alunos ditos (não normais", significando um avanço qualitativo impressionante, dado que uma classificação baseada nestas necessidades aparece como uma estrutura conceptual do ensino, o que pressupõe um abandono das classificações por categorias dos modelos psicométricos" (Ramírez, 1994).

Este novo conceito, de acordo com Mel Ainscow (1985), citado por Ramírez (1994), há 3 tipos de necessidades:

- A necessidade de um método de ensino especializado para que o aluno tenha acesso ao currículo normal;
- A necessidade de um currículo modificado e adaptado às possibilidades do aluno;
- A necessidade de uma forma de apoio contextual educativo.

"Há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação destas problemáticas) afetar a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada" (Brennan, 1988 citado em Correia, 1999).

Tal necessidade educativa pode classificar-se de ligeira a severa e pode ser permanente ou manifestar-se durante uma fase do desenvolvimento do aluno.

Correia (1999), quando se refere ao conceito de Necessidades Educativas Especiais, refere que *"este se aplica a crianças e adolescentes com problemas sensoriais, físicos, intelectuais e emocionais e, também, com dificuldades de aprendizagem derivadas de fatores orgânicos ou ambientais"*.

Igualmente, este autor, distingue dois grandes grupos nas Necessidades Educativas Especiais:

“As Necessidades Educativas Especiais Permanentes, exigem adaptações generalizadas do currículo, adaptando-o às características do aluno. Estas adaptações terão de manter-se durante grande parte ou todo o percurso escolar do aluno”.

“As Necessidades Educativas Temporárias, exigem modificação parcial do currículo escolar, adaptando-o às características do aluno num determinado momento do seu desenvolvimento”.

3.6.2. Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Educação Física.

A Educação Física como disciplina curricular não pode ficar indiferente ou neutra face à educação inclusiva.

Pretendendo ser o mais profissional possível para todos os alunos, incluindo aqueles com Necessidades Educativas Especiais, os Professores de Educação Física, veem-se muitas vezes com dificuldades devido à pouca prática no curso de formação inicial em trabalhar com estes alunos.

A inclusão dessas crianças não é fácil, no entanto podem ser incluídas com sucesso se o professor procurar apoio e trabalhar em colaboração com pais, professores, terapeutas e crianças sem incapacidades.

Este trabalho é não só possível como conveniente e importante para que as crianças com Necessidades Educativas Especiais, sejam incluídas com sucesso nas aulas de Educação Física regular.

“Os professores precisam de estar cientes das necessidades individuais das crianças, uma vez que num ensino de alta qualidade não pode ocorrer se não existir uma compreensão das incapacidades” (Heikinaro – Johansson e Sherrill, 1994).

Para o Núcleo de Ensino Especial, desta escola, *“a inclusão de alunos com Currículo Específico Individual nas aulas de Educação Física revela-se, na maioria dos casos, vantajosa pois esta é uma disciplina onde a maioria consegue integrar-se e acompanhar as tarefas propostas. É, pois, uma disciplina que permite que este aluno possa aceder (com as adequações necessárias) a um espaço de aula partilhado com os seus pares. Casos haverá, todavia, em que limitações motoras graves e/ou cognitivas poderão dificultar esta inclusão sendo, nesses momentos, fundamentais os recursos humanos e materiais para que essas dificuldades possam ser minimizadas”*.

Intervir no âmbito do 1º ciclo, potenciará a estas crianças um desenvolvimento motor numa idade durante a qual os alunos registam progressos especialmente acentuados no que respeita à motricidade.

Os hábitos motores naturais e de base aperfeiçoam-se e com base neles, formam e melhoram outros novos hábitos, mais complexos.

É nesta idade que as crianças apresentam um especial interesse pela atividade desportiva, mostrando que são capazes de participar conscientemente e ativamente no crescimento dos índices do seu desenvolvimento motor.

Pretendemos contribuir para que estes alunos consigam adquirir competências, de forma a melhorarem a sua qualidade de vida, e mais facilmente se integrem na escola e sociedade, através de uma inclusão em turmas regulares.

3.7. Planeamento da Intervenção Pedagógica

Para respondermos às necessidades destes alunos, fixou-se um enorme desafio, procurando uma organização intencional para facilitar as relações que levem a uma melhor apreensão do conhecimento pelos alunos.

Desenvolvemos procedimentos teórico-metodológicos para possibilitar uma melhor apropriação dos conteúdos e dos valores que estivessem intrínsecos a cada um deles.

Em articulação com as recomendações definidas no programa nacional de educação física para o 1º ciclo, juntamente com as indicações recebidas dos docentes do Núcleo de Ensino Especial, que diariamente os acompanham, assim como de alguma bibliografia consultada sobre o tema, de que é exemplo em Ferreira

(1993), balizámos vários objetivos para a presente atividade, catalogando-os em vários níveis como se apresenta de seguida.

Ao nível da socialização: Desenvolver relações de convivência e respeito entre os alunos da escola; deixar o aluno explorar objetos e pessoas; preparar atividades que expandam o contato e o convívio; melhorar os padrões normais do movimento destas crianças.

Ao nível da comunicação: Desenvolver atividades diferenciadas suscetíveis de promover a comunicação.

Ao nível do desenvolvimento da cognição: Realizar atividades com uma sequência de princípio, meio e fim clara e onde ambos (aluno e professor/educador) possam realizá-los em conjunto; colocar os materiais e objetos em locais próprios, desenvolvendo a orientação e a consistência ambiental; utilizar o jogo como instrumento de desenvolvimento da cognição.

Ao nível do desenvolvimento da motricidade: Desenvolver a autonomia motora; proporcionar alegria no movimento; melhoria da destreza manual; exercitar a motricidade fina, usando as mãos como instrumento de exploração e experimentação, explorando objetos e materiais em conjunto com a criança (mostrando como se manipula, utiliza e se exploram os objetos)

Ao nível do autoconhecimento: Desenvolver a melhoria da imagem corporal.

Como estratégias de intervenção pedagógica utilizámos:

- Linguagem acessível ao nível dos alunos evitando o exagero de informação;
- Estímulos positivos e motivadores de forma a os alunos explorarem objetos e pessoas;
- Estímulos para que os alunos mostrassem o seu conhecimento acerca da atividade proposta;
- Durante as atividades motoras, estimular a sua aprendizagem cognitiva como as cores, tamanhos, posicionamentos, direções etc.;
- Diversificação das atividades que propiciassem necessidade de comunicar;

- Feedbacks positivos e de incentivo a todas as formas e tentativas de comunicar;
- Ambientes orientados e simples de forma a o aluno aprender, praticar e concentrar-se nas atividades;
- No final de cada aula, incentivar os alunos a uma recapitulação das atividades da aula.

3.7.1 Recursos Materiais Utilizados

Para a realização das aulas foi utilizado o seguinte material:

Atividades	Recursos Materiais
Perícias e Manipulações	12 Bolas Mini – Andebol; 6 Raquetes Badminton; 6 Volantes; 6 Cordas; 12 Pinos
Equilíbrios	6 Bancos Suecos; 12 Andas; 1Plinto;10 Arcos; 12 Pinos; 1 Mini -Trampolim
Motricidade	8 Vendas; 6 Bancos Suecos; 10 Bolas Mini; Andebol; 12 Pinos
Coordenação Espacial	6 Cordas; 5 Arcos; 6 Bancos Suecos; 1 Minitrampolim

3.7.2 Limitações ao Trabalho Desenvolvido

A inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais, na escola regular pressupõe uma grande reforma no sistema educacional, implicando uma flexibilização ou adequação do currículo, com modificações nas formas de ensinar, metodologias e avaliação.

Este desafio colocado aos professores é enorme já que a grande maioria dos professores continua a não estar preparado para desenvolver estratégias de diferenciação pedagógica, assim como nós estagiários não usufruímos de uma formação específica durante a formação académica inicial.

Uma outra limitação a este trabalho é o facto de não existir recursos materiais nas escolas adaptados às necessidades destes alunos.

O Núcleo de Ensino Especial, através de entrevista revelou-nos que “os recursos humanos e materiais existentes na escola se têm revelado diminutos face ao número de alunos abrangidos pelo decreto-lei número 3/2008 e, sobretudo, face ao seu perfil de funcionalidade. Contudo, o núcleo tem desenvolvido um trabalho que permite assegurar um acompanhamento dos alunos e promover respostas educativas diferenciadas”.

3.8. Conclusões Gerais Núcleo de Estágio/Ensino Especial

No final deste trabalho, chegou o momento de tirarmos as conclusões.

Trabalhando em conjunto durante este ano letivo, no final deste trabalho foi conveniente efetuar uma reflexão conjunta apresentando algumas conclusões de que ambos partilhamos.

Uma das conclusões que todos os elementos do Núcleo de Estágio chegaram e que é partilhada pelo Núcleo de Educação Especial é a de que a formação dos docentes do ensino regular sofre de carências nestas matérias.

Devemos ter presente que um professor tem de se atualizar continuamente quer em relação aos conteúdos da sua especialidade, quer em relação aos processos psicopedagógicos, técnico-didáticos de ensino aprendizagem, quer em relação ao próprio desenvolvimento pessoal, quer em relação aos aspetos de organização e gestão da própria sala de aula.

A Lei de Bases do sistema educativo aponta para uma formação contínua participada segundo as necessidades do próprio professor. Formação esta que ainda não é uma prática considerada habitual, ocorrendo esporadicamente, passando a Inclusão de Crianças com Necessidades Educativas Especiais, no 1º ciclo ao lado das realidades e dos interesses dos professores, sendo indispensável que os programas desta formação fossem concebidos, elaborados e executados de acordo com as necessidades de formação de professores de cada escola, ainda que em colaboração com outras escolas.

Tendo em conta que a maioria dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, frequenta regularmente as aulas de Educação Física, seria benéfico que os docentes desta disciplina tivessem formação nesta área e que fossem

disponibilizados meios/ recursos humanos e materiais que auxiliassem a efetiva diferenciação pedagógica nas aulas.

Esta formação especializada daria uma base essencial para que os docentes pudessem realizar uma diferenciação pedagógica mais eficaz indo ao encontro das necessidades de todos os alunos.

Por outro lado, é também importante que os docentes de Educação Física e os de Educação Especial, desenvolvam um trabalho próximo de forma a partilhar saberes e definir estratégias de intervenção adequadas ao perfil de cada aluno.

As dificuldades e o acompanhamento muitas vezes individualizado que estes alunos exigem, não bastam que o professor tenha uma formação nestes domínios, há que apostar na criação de equipas multidisciplinares (docentes de educação especial, psicólogos, terapeutas...) e de parcerias eficazes com o apoio de instituições no desenvolvimento de projetos escolares diferenciados e na disponibilização de materiais adaptados.

A dificuldade em aceder a materiais adaptados e/ou diferenciados, a quase inexistência de trabalho em rede entre escolas, hospitais e outros serviços fundamentais, entre outros levam a que muitas vezes não seja possível desenvolver este tipo de trabalho.

Se tivermos como referencial a evolução feita ao longo das últimas décadas, devemos admitir que hoje a inclusão é bem mais real do que foi noutros tempos. Contudo, há ainda um longo caminho a percorrer. A falta de recursos humanos e materiais é, por exemplo, um fator que dificulta uma inclusão mais plena e de maior qualidade.

Tendo em conta a recente política educativa nacional, estamos a retroceder pois há agora um entendimento da tutela que prevê o afastamento dos alunos com Currículo Específico Individual do espaço escolar e o seu encaminhamento para instituições específicas.

O atual desinvestimento na escola pública e nos seus recursos humanos e materiais, terá consequências dramáticas também neste domínio e na capacidade que a escola tem de dar resposta diferenciada e assertiva a estas crianças e jovens.

Considerando esta realidade, este trabalho desenvolvido com alunos de Necessidades Educativas Especiais Permanentes, foi para nós uma enorme vantagem, potenciando a nossa oportunidade de intervenção neste domínio, na

medida em que esta experiência permitiu-nos a aquisição e maturação de um vasto leque de competências que nesta fase de formação não é fácil de obter.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, P. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das aprendizagens: das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte
- Caires, S., & Almeida, L. S. (2000). A experiência de estágio académico: Oportunidades de formação e desenvolvimento do estudante. *Psicologia*, XIV (2), 235-250.
- Carvalho, L. (1994). *Avaliação das aprendizagens em Educação Física*. In *Boletim SPEF* nº 11, 1994. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física.
- Correia, L. M. (1999). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Carreiro da Costa, F. (1995). *O sucesso pedagógico em Educação Física – Estudo das condições e fatores de Ensino-Aprendizagem Associados ao êxito numa unidade de ensino*. Cruz Quebrada. Edições FMH.
- Cortesão, L. (1993). *A avaliação formativa: Que desafios?* Coleção Cadernos Pedagógicos. Edições ASA.
- Ferreira, J. R.. *A exclusão da diferença*. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

- Frontoura, C., 2005. *O estagiário em educação física no processo de estágio pedagógico*. Coimbra.
- Godinho, M. (2002) *Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e aplicações*. Edições FMH. Lisboa.
- Goring, P. (1981). *Manual de Medições e Avaliação do Rendimento Escolar*. Coimbra: Almedina.
- Heikinaro- Johansson, P., & Sherril, C. (1994). Integrating Children with Special Needs in Physical Education: A School District Assessment Model From Finland. *Adapted Physical Activity Quarterly*.
- Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra, Edições Livraria Almedina.
- Mantoan, M. (2005). *Integração X Inclusão - Educação para Todos*. Pátio, n. 5, p. 49-51.
- Monteiro, A. (1996). A avaliação nos projectos de intervenção social: reflexões a partir de uma prática. *Revista sociológica. Problemas e práticas*, Nº22, pp. 137-154. ISCTEC: Celta Editora.
- Piéron, M. (1996). *Formação de professores – Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.
- Piéron, M., Correia, C., Carreiro da Costa, F. & Bento, J. (1985). A Formação de Professores de educação física. *Revista Horizonte - Revista de Educação física e desporto*, I-XII.

- Ramirez A; S. Nassar; W. Lima (1994). *Aplicação de Inteligência Distribuída em Sistemas de Ensino Inteligentes*.
- Ribeiro, L. (1999). *A Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Ribeiro, L. (1999). *Tipos de Avaliação*.
- Rosado, A. e Colaço C. (Org.s) (2002). *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Omniserviços. Lisboa.
- Ruas, R. Desenvolvimento de competências gerenciais e contribuição da aprendizagem organizacional. In: FLEURY, Maria Tereza Leme; OLIVEIRA, Moacir de Miranda Jr (orgs.). *Gestão estratégica do conhecimento: integrando aprendizagem, conhecimento e competências*. São Paulo: Atlas, 2001.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educacion Física*. INDE.
- Sousa, J. (1991). *Pressupostos, Princípios e Elementos de um Modelo de Planeamento em Educação Física*. Dossier, Revista Horizonte, Vol VIII, nº 46.
- Vilar, A. De Matos (1993). *O Professor Planificador*. 1ª Edição, Coleção Cadernos Pedagógicos, Porto, Edições ASA.
- Zabalza, Miguel A. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. 2ª Edição, Coleção Perspectivas Actuais, Rio Tinto, Edições ASA.

ANEXO I

Entrevista Núcleo de Educação Especial

ANEXO 1 – ENTREVISTA NÚCLEO EDUCAÇÃO ESPECIAL

Agradeço desde já a sua disponibilidade e o seu contributo, toda a informação é confidencial garantindo o seu anonimato, e de todos os intervenientes.

A entrevista será constituída por três partes, uma em relação às funções profissionais, outra à educação inclusiva e por último a diferenciação pedagógica

Dava então início às perguntas.

1. Qual a função e princípios do núcleo de educação especial?
2. Quais os objetivos e finalidades.
3. Quais os recursos humanos existentes na escola.
4. Qual o balanço deste projeto?

INCLUSÃO

5. O que pensa da Inclusão dos alunos em turmas regulares?
6. Pensa que a Inclusão é conseguida ou não?
7. Vantagens e desvantagem da inclusão nas aulas de Educação Física?

DIFERÊNCIAÇÃO PEDAGÓGICA

8. Existe ou não Diferenciação Pedagógica?
9. O que pode ser feito para a Diferenciação Pedagógica ser eficaz?
10. Quais os obstáculos encontrados para a Diferenciação Pedagógica?

PERSPETIVAS

11. O que mudar na escola?
12. Para onde estamos a caminhar?
13. Do Ensino Especial nas aulas de Educação Física?